

Trabalho de Conclusão de Curso

Curso de Graduação em Geografia

PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA DO BAIRRO LIBERDADE (SÃO PAULO -
SP): A PERSPECTIVA DAS DIFERENTES GERAÇÕES NIPO-BRASILEIRAS
FRENTE ÀS TRANSFORMAÇÕES URBANAS

Renata Felício Boitar Paes Dias

Prof. Dr. Thiago Sanna Freire Silva

Rio Claro (SP)

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

RENATA FELÍCIO BOITAR PAES DIAS

PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA DO BAIRRO
LIBERDADE (SÃO PAULO - SP): A PERSPECTIVA DAS
DIFERENTES GERAÇÕES NIPO-BRASILEIRAS FRENTE ÀS
TRANSFORMAÇÕES URBANAS

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de
Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio
Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel
em Geografia.

Rio Claro - SP

2016

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que tornou possível minha formação longe de casa e que sempre me ergueu nos momentos difíceis dentro desses quatro anos para que desistir nunca fosse uma opção. Com ela aprendo constantemente sobre dignidade, generosidade, coragem e como viver a vida com mais leveza porque tudo se encaminha. São muitos e grandiosos os traços nos quais me espelho. Sou eternamente grata pela vida e pelo amor.

À minha avó, poetisa de refinada singeleza, influente no meu gosto pela escrita, e ao meu avô que me ensinou desde os primeiros passos a respeitar e proteger a diversa riqueza da Terra, das raízes do solo às vivas asas que atravessam o céu. Mesmo ambos não estando mais aqui para ter participado dessa fase, muito do que valorizo, escolho e sou é devido a sua influência.

Ao Prof. Thiago, por ter encontrado tempo para uma aluna com um projeto abandonado, concedendo a oportunidade de colocar novas ideias em prática com liberdade. Agradeço pela solicitude, confiança e compreensão, que permitiram que esse trabalho nascesse e se desenvolvesse.

Ao Prof. Paulo Godoy, que me auxiliou significativamente neste trabalho, disponibilizando tempo e atenção. Muito obrigada pelos direcionamentos e também pela competência no ensino, tão importante para a nossa formação.

Ao meu namorado, Leonardo, que também foi um grande companheiro e amigo. Tantos foram os momentos que vivemos nessa cidade... Eu agradeço imensamente pelas risadas proporcionadas quando isso era o mais difícil, pela tranquilidade que eu sempre encontrei em você, pela paciência e pelo amor, resistente como um diamante!

Um agradecimento especial à Sayu-chan! Querida amiga que contribuiu muito para este trabalho. Mesmo com o tempo curto, foi atenciosa e paciente com as mensagens ansiosas que recebeu. “Muito obrigada” não é o suficiente. Eu aprendi muito e adorei a experiência de poder me aproximar mais do Japão junto de alguém de quem gosto tanto e sempre prezarei.

A todos os solícitos descendentes de japoneses que possibilitaram a construção deste trabalho, me proporcionando conhecimento e aprendizado. Não me esquecerei das conversas, dos momentos onde fui mais bem apresentada a essa cultura encantadora de tão única e das

oportunidades que tive de demonstrar meu respeito e admiração. Agradeço especialmente ao *nissei* que, no momento em que vi tudo por um fio e segurava a vontade de chorar, me deu força para seguir em frente e não desistir. As lágrimas então caíram, mas por ouvir o incentivo mais importante para me sentir confiante de novo. *Tetsudatte kurete, doumo arigatou.*

Ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, por todo o atendimento que recebi quando foi necessário, pelos materiais disponibilizados e pelas entrevistas que pude realizar com os funcionários, que enriqueceram não só meu trabalho, mas a minha pessoa, com seus relatos e conhecimento.

Às boas amizades que adquiri e vou levar comigo com muito carinho e zelo e, aos meus colegas de curso e de universidade, com os quais compartilhei momentos descontraídos e conversas intelectuais, onde cada um sempre aprende algo novo. E claro, aos meus amigos de fora da universidade, que com sua “presença remota” me mantiveram firme aqui e segura de que lá eu sempre terei com quem contar.

Aos meus cães, Beto e Niko, que atenuaram minhas preocupações com toda lealdade e doçura, convertendo tensões em momentos felizes e engraçados.

Aos professores da UNESP de Rio Claro, pois meus agradecimentos pelo aprendizado, interesses despertados e incentivo não se resumem aos professores da Geografia. E aos professores de antes da universidade, aqueles que me ajudaram a enxergar o que eu poderia ser como pessoa e profissional, que me inspiraram e ensinaram coisas inesquecíveis.

Aos funcionários da UNESP de Rio Claro que compartilham esse espaço com tantos estudantes, de maneira sempre amigável e colaborativa.

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender o efeito das transformações na paisagem urbana do bairro Liberdade sobre a identidade cultural da comunidade nipo-brasileira sob a perspectiva da percepção da paisagem pelas diferentes gerações. Para tanto, partiu-se da consideração de que a paisagem é, por natureza, sucessivamente transformada, apresentando-se distinta e carregada de diversos valores, sentimentos, lembranças, e símbolos para cada indivíduo. No bairro da Liberdade, uma nova fase iniciou-se a partir da década de 60, com o intenso processo de urbanização na cidade de São Paulo, onde a inserção das estações Liberdade e São Joaquim do metrô acarretou em diversas transformações, como crescimento do comércio local, aumento no fluxo de pessoas e a entrada das colônias chinesa e coreana. É dentro desse contexto de mudanças que a pesquisa se insere, com o intuito de averiguar novos significados e valores na percepção da paisagem urbana local, sendo o produto dessa investigação um importante instrumento de planejamento e gestão do bairro no presente e futuro. A realização dos trabalhos de campo compreendeu registros fotográficos, observações e caracterização da paisagem atual do bairro. A fim de apreender a percepção da paisagem urbana do bairro foi elaborado um conjunto de sete questões, direcionadas às experiências e perspectivas individuais, destinadas a *isseis* e descendentes de japoneses que tivessem familiaridade com o bairro Liberdade, constituindo dois grupos; um de faixa etária de 18 a 35 anos e o outro, acima de 35 anos. Neste trabalho, optou-se por uma abordagem humanista sob a óptica da fenomenologia que valoriza a percepção e experiência individual na descrição de um fenômeno. Como resultados, pudemos observar que a paisagem do bairro passou por transformações de duplo caráter que geraram subprodutos até os dias atuais, como aumento da violência, aumento do número de moradores de rua e maior necessidade de assistência por parte da prefeitura municipal. Contudo, pouco mais de um século após a chegada dos primeiros imigrantes japoneses, a identidade cultural, com todas as modificações que o tempo e a metrópole impuseram, ainda é muito viva e valorizada. As gerações no papel de observadores da paisagem urbana do bairro demonstraram homogeneidade em sua percepção. Ambas identificam-se plenamente com o bairro e apontaram construtivamente situações que o ameaçam, reconhecendo que o espaço, embora não seja mais só dos japoneses, ainda lhes pertence, devendo ser compartilhado com as outras culturais orientais.

Palavras chave: identidade cultural, imigração japonesa, geografia cultural.

ABSTRACT

This work aims to understand the effect of the changes in the urban landscape of the Liberdade neighborhood upon cultural identity of Brazilian-Japanese community, through the perspective of the perception of the landscape of different Japanese-Brazilian generations. Therefore, it primarily considered that the landscape is, by nature, successively transformed, presenting itself distinctively and filled by different values, feelings, memories, and symbols to each individual. In the Liberdade neighborhood, a new phase began since the sixties, with the intense process of urbanization in the city of São Paulo, where the insertion of the Liberdade and São Joaquim subway stations resulted in several changes, such as the growth of local trade, increase in the flow of people and the establishment of Chinese and Korean colonies. It is within this context of changes that the research is inserted, in order to find out about new meanings and values from the perception of the neighborhood urban landscape, making the product of this investigation an important tool for planning and managing the neighborhood in the present and in the future. In the methodological step, the performed fieldworks allowed for photographic records, observations and characterization of the current neighborhood landscape. In order to assimilate the perception of the neighborhood urban landscape, it was developed a set of seven questions, directed to individual experiences and perspectives, aimed at *Isseis* and descendants of Japanese who were familiar with the Liberdade neighborhood, consisting of two groups; an age group of 18-35 years olds and another one, of over 35 years olds. In this work, a humanistic approach was chosen, from the perspective of phenomenology that values perception and individual experience in the description of a phenomenon. As results, the neighborhood landscape faced a dual character transformation, which has generated subproducts to the present day, such as an increase in violence and in the number of homeless people, and the need for more assistance from the city government. However, just over a century after the arrival of the first Japanese immigrants, the cultural identity, with all the changes time and the metropolis imposed, it is still very much alive and appreciated. The generations on the paper of the researchers regarding the urban landscape of the neighborhood showed homogeneity in the perception of it. Both identified solely with the neighborhood and pointed constructively at the situations that threaten it, acknowledging that space, even though it is not of the Japanese anymore, it still belongs to them, having to be shared alongside the other Eastern cultures.

Keywords: cultural identity, Japanese immigration, cultural geography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - Descrição das atividades em campo.....	38
FIGURA 1 - Praça da Liberdade, lanternas <i>suzurantou</i> e comércio no lado esquerdo. No centro a feira de alimentos e a Capela dos Enforcados e no extremo direito o metrô Liberdade.....	43
FIGURA 2 - Movimentação habitual no metrô Liberdade.....	44
FIGURA 3 - Fachada do Banco Bradesco.....	46
FIGURA 4 – Fachada do MacDonald’s.....	46
FIGURA 5 - Lado comercial da Praça da Liberdade.....	47
FIGURA 6 - Vitrine de uma loja de acessórios e decoração na Praça da Liberdade.....	47
FIGURA 7 - Legumes, verduras e castanhas dispostos na entrada da loja e embalados por peso.....	48
FIGURA 8 - Bentô House, restaurante oriental que vende iguarias japonesas, pratos feitos e por quilo.....	49
FIGURA 9 - Loja chinesa de decoração.....	49
FIGURA 10 - Feira Oriental.....	50
FIGURA 11 - Movimentação de visitantes que também transitam nas ruas do entorno..	50
FIGURA 12 - Avenida da Liberdade (sentido São Joaquim).....	51
FIGURA 13 - Faculdade FMU.....	52
FIGURA 14 - Agência dos Correios.....	52
FIGURA 15 - Casa de Portugal.....	52
FIGURA 16 - Catedral Metodista de São Paulo.....	53
FIGURA 17 - Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados.....	53
FIGURA 18 - Sogo Plaza Shopping.....	54
FIGURA 19 - Largo da Pólvora entre a Av. da Liberdade e a R. Américo de Campos...	55
FIGURA 20 - Estátua em homenagem a Shuhei Uetsuna.....	56
FIGURA 21 - <i>Torii</i> , na Rua Galvão Bueno.....	57
FIGURA 22 - Mercado Marukai.....	58
FIGURA 23 - Galeria de lojas (“stand shopping”).....	58
FIGURA 24 - Vitrine com lanternas, artigos budistas e asiáticos.....	59

FIGURA 25 - Nikkei Palace Hotel.....	60
FIGURA 26 - Decoração no Tanabata Matsuri.....	61
FIGURA 27 - Rua Galvão Bueno às cores do festival.....	61
FIGURA 28 - Pedidos pendurados nos bambus.....	62
FIGURA 29 - Vista do viaduto Mie-kem para o viaduto Osaka; o Jardim localiza-se atrás deste, no lado direito da imagem. Abaixo a Radial Leste-Oeste.....	62
FIGURA 30 - Fachada do Jardim Oriental.....	63
FIGURA 31 - Lago artificial com carpas em um dia comum durante a semana.....	63
FIGURA 32 - Passagem interna do Jardim.....	64
FIGURA 33 - Lago com moedas no fundo, atiradas pelos visitantes durante o Tanabata Matsuri, em julho de 2016.....	64
FIGURA 34 - Rua dos Estudantes com a Rua da Glória.....	65
FIGURA 35 - Capela Nossa Senhora dos Aflitos do antigo Cemitério dos Aflitos.....	66
FIGURA 36 – Símbolo <i>mitsudomoe</i> nas calçadas.....	66
FIGURA 37 - <i>Torii</i> no semáforo.....	67
FIGURA 38 - Sinalização de pedestres.....	67
FIGURA 39 - Rua da Glória, à frente a Praça Almeida Júnior, no lado direito da imagem	68
FIGURA 40 - Karaokê Liberdade.....	68
FIGURA 41 - Estacionamento na Rua da Glória.....	69
FIGURA 42 - Glória Plaza Hotel.....	70
FIGURA 43 - Prédio da Sociedade Cultural Japonesa e de Assistência Social.....	71
FIGURA 44 - Entrada do templo Busshinji.....	72
FIGURA 45 - Fachada do templo, construído em madeira com técnica de encaixe.....	72
FIGURA 46 - Cruzamento entre a Rua Conselheiro Furtado e a Rua Barão de Iguape...	73
FIGURA 47 - Centro Social Chinês de São Paulo.....	74
FIGURA 48 - Templo Lohan Shaolin Kung Fu.....	75
FIGURA 49 - Rua Conde de Sarzedas.....	76
FIGURA 50 - Ladeira da R. Conde de Sarzedas.....	77
FIGURA 51 - Museu do Tribunal de Justiça junto ao prédio.....	77
FIGURA 52 - Vista para a Catedral da Sé e para o Palácio da Justiça de São Paulo.....	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Paisagens urbanas.....	82
Tabela 2 - Mudanças observadas pelos participantes.....	90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 A paisagem na história da Geografia cultural.....	15
2.1.1 A Geografia Cultural da Escola de Berkeley.....	15
2.1.2 A Nova Geografia Cultural.....	16
2.2 Fenomenologia e percepção ambiental.....	17
2.2.1 A paisagem percebida.....	19
2.2.2 Um olhar sobre a paisagem urbana.....	21
2.3 Contextualização da imigração japonesa no Brasil.....	22
2.4 Histórico do bairro Liberdade.....	25
2.4.1 Origem do nome “Liberdade”.....	27
2.4.2 Caracterização geográfica do bairro Liberdade.....	28
2.5 Os imigrantes japoneses em São Paulo.....	28
2.5.1 Os impactos da Segunda Guerra Mundial na vida dos imigrantes japoneses.....	30
2.6 Transformações na paisagem urbana do bairro.....	32
2.6.1 A entrada de outras colônias.....	35
3 MATERIAIS E MÉTODOS.....	37
3.1 Trabalhos de campo.....	38
3.2 Elaboração e aplicação do questionário <i>online</i>	39
3.2.1 Análise dos dados.....	41
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	43
4.1 Observação e caracterização da paisagem atual do bairro Liberdade.....	43
4.2 Percepção da paisagem do bairro Liberdade.....	78
4.2.1 Dados gerais dos participantes.....	78
4.2.2 O bairro Liberdade para os participantes.....	79
4.2.3 As paisagens urbanas mais importantes.....	81

4.2.3.1 Praça da Liberdade.....	83
4.2.3.2 Rua Galvão Bueno.....	84
4.2.3.3 Mercado Marukai.....	84
4.2.3.4 Sogo Plaza Shopping.....	85
4.2.3.5 Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.....	85
4.2.3.6 Restaurantes e demais elementos citados.....	85
4.2.4 Cultura japonesa no bairro.....	86
4.2.5 Transformações urbanas.....	89
4.2.6 Consequências da construção das estações do metrô.....	92
4.2.7 Perspectivas futuras.....	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

A geografia já foi considerada “a ciência das paisagens”, por este ser um de seus mais antigos conceitos (MELO, 2001). Enquanto categoria de análise da geografia, a paisagem em determinados períodos históricos foi capaz de conferir identidade à ciência geográfica, e até mesmo fornecer unicidade a ela, enquanto em outros períodos permaneceu em segundo plano, cedendo sua hegemonia a outras categorias de análise como as de “território” e “região”. Ainda assim, a paisagem está associada a essas formas, sendo sempre presente na superfície na Terra e, portanto, recebe diversos conceitos (CABRAL, 2000). Segundo Dardel (1952, apud CABRAL, 2000, p. 39) a paisagem é “um conjunto, uma convergência, um momento vivido; há uma ligação interna, uma ‘impressão’, unindo todos os elementos”. Logo, entende-se que a paisagem nunca pode ser compreendida como algo isolado, mas integrada a um espaço maior. É uma unidade contemplada pelo olhar, comunicando-se com o seu observador através da disposição e da dinâmica de seus elementos, além das demais experiências sensoriais que proporciona em sua interação constante com os indivíduos.

Desde o início do século XX o bairro Liberdade é conhecido pela presença dos imigrantes japoneses. Até os dias atuais, após mais de um século de sua chegada, o bairro mantém características nipônicas que, agora, unem-se às chinesas e coreanas (ARAGAKI et al, 2004).

A imigração japonesa, enquanto processo que possibilitou a atual “orientalidade” característica do bairro da Liberdade iniciou no ano de 1907, e é oficialmente reconhecida no ano seguinte, com a chegada do navio Kasato-Maru ao porto de Santos no dia 18 de junho de 1908. O navio trouxe 781 imigrantes japoneses destinados ao trabalho nas fazendas de café. A convivência amigável com brasileiros em sua rotina difícil de trabalho proporcionou novas perspectivas para a vida no Brasil e com o passar dos anos os imigrantes expandiram suas áreas de atuação para outros setores da economia brasileira, como a indústria e o comércio¹.

Os arredores da Rua Conde de Sarzedas, localizada em um antigo bairro central do município de São Paulo, logo representaram um refúgio para os imigrantes que vieram direto à capital paulista; esses, dotados de esperança teriam, então, fácil locomoção para o centro, bem como para os locais de trabalho (ARAGAKI et al, 2004). A “zona conde” iniciou a constituição de toda uma comunidade, sendo ali instalados os primeiros estabelecimentos

¹ Informação disponível em painel informativo no Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, em abril de 2016.

comerciais e tornando-se campo de atividades dos imigrantes japoneses, iniciando a caracterização nipônica do bairro da Liberdade (HANDA, 1987).

Os imigrantes japoneses vivenciaram diversos momentos no país. Precisamente no bairro da Liberdade, uma nova fase iniciou-se a partir da década de 60 marcada pela entrada de colônias chinesas e coreanas, e pelo crescimento do comércio, com a inserção da estação Liberdade e São Joaquim do metrô (ARAGAKI et al, 2004). É dentro desse contexto que a pesquisa se insere, com objetivo de compreender o efeito das transformações na paisagem urbana do bairro Liberdade, ocorridas a partir da década de 60 com o intenso processo de urbanização da cidade de São Paulo, sobre a identidade-cultural da comunidade nipo-brasileira. Para tanto utilizamos a perspectiva da percepção da paisagem pelas diferentes gerações de descendentes nipo-brasileiros vivendo no local. Nosso trabalho, parte da consideração de que a paisagem é sucessivamente transformada, apresentando-se distinta e carregada de diversos valores, sentimentos, lembranças, e símbolos para cada indivíduo. Esse conjunto de elementos tem como resultado a percepção da paisagem, das múltiplas paisagens pertencentes a uma só. Além disso, foram investigadas eventuais diferenças nessa percepção nas diferentes gerações de cidadãos nipo-brasileiros. Logo, a pesquisa enquadra-se na abordagem humanista sob a ótica da fenomenologia por valorizar experiências individuais e permitir subjetividade ao apreender o conhecimento.

Guimarães (2002) afirma que conforme os grupos pertencentes a uma determinada cultura compreendem o espaço enquanto extensão de sua identidade, as relações estabelecidas no mesmo sofrem um processo de interiorização, o que resulta, de forma simultânea, na construção, destruição e recuperação de diversas paisagens. Tal constatação evidencia o caráter de herança – cultural ou terrestre – presente em todas as paisagens e a sua natureza em constante transformação.

Na interpretação da paisagem estas transformações temporais e espaciais são de relevante significado, pois nos permitem compreender não só a gênese de seus componentes ou conjuntos, as relações entre estes, mas também a permanência de traços, vestígios e relictos que persistem (GUIMARÃES, 2007, p. 85)

Tendo em vista o processo de urbanização a partir da década de 60 e a consequente inserção de novos elementos na paisagem do bairro Liberdade, não só a dinâmica local é extremamente passível de ser modificada, mas sua valoração. No presente trabalho, as consequências dessas modificações na paisagem sobre a percepção das gerações nipo-

brasileiras foram identificadas e consideradas enquanto importante instrumento de planejamento e gestão do bairro no presente e futuro.

A presente pesquisa está estruturada em 6 seções. Na primeira são abordados os principais conceitos e contextos dentro da temática trabalhada e os objetivos da pesquisa. A segunda aborda a fundamentação teórica oriunda do levantamento bibliográfico acerca de noções sobre percepção ambiental, histórico da abordagem dos aspectos culturais e imateriais da paisagem pela geografia cultural, a maneira como fenomenologia trata a relação entre indivíduo e meio ambiente e ainda, tópicos referentes ao bairro Liberdade, à imigração japonesa no Brasil e as transformações que o bairro sofreu em meio ao processo de urbanização da cidade de São Paulo. Na terceira seção, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. Na quarta seção são apresentados e discutidos os resultados provenientes dos trabalhos de campo e da análise dos dados, seguida das considerações finais. Por fim, na última seção, está a bibliografia consultada no desenvolvimento deste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A paisagem na história da Geografia Cultural

De acordo com Melo (2001) o aspecto cultural do conceito de paisagem começou a ser trabalhado pelos geógrafos alemães no início do século XX, sendo na década de 20 incorporado na Geografia Cultural pelo geógrafo americano Carl Ortwin Sauer, da escola de Berkeley. Contudo, essa abordagem tinha como foco as relações entre o homem e meio ambiente, estudando as diversidades regionais através de descrições técnicas, considerando apenas a materialidade da cultura (análise morfológica) e permaneceu até os anos 1940 (MELO, 2001). Essa forma de análise sofre renovação através da abordagem cultural dos anos 1970; a partir de então, não é levada em conta apenas a materialidade das culturas, mas a condição de que só é possível compreender a realidade social, inserindo-se nela como se dela fizesse parte, quando toda realidade social é “fundamentalmente cultural” (ROSENDAHL, 2001).

2.1.1 A Geografia Cultural da Escola de Berkeley

Durante 50 anos, de 1925 a 1975, a Escola de Berkeley, na Califórnia, criada por Carl Ortwin Sauer, formou geógrafos influentes que deixaram sua marca na Geografia Cultural, que nessa escola exerceu grande papel na história do pensamento geográfico proporcionando o entendimento da ação humana sobre a superfície da Terra e tornando a paisagem um dos conceitos-chave na ciência geográfica (CORRÊA, 2001).

Segundo Melo (2005), os estudos geográficos de Sauer tinham como finalidade a análise das paisagens culturais, considerando sua morfologia física como um meio sujeito a transformações através do agente cultura. Devido à impossibilidade de mensuração e classificação dos aspectos subjetivos da paisagem para a composição de um contexto científico, estes não eram considerados na Geografia Cultural Tradicional (MELO, 2005).

Sauer, filho de imigrantes alemães, nasceu em Warrenton, uma pequena cidade do estado de Missouri, nos EUA. Seu pai teve influência em seu apreço pela História e também por Goethe, ao ter sido membro da associação literária *Goethenia Society*. Tal influência goetheana é presente em sua obra *The morphology of Landscape* de 1925, onde as formas são compreendidas como objetos de expressão tanto cultural como individual, representando manifestações naturais, espirituais e humanas (CORRÊA, 2001).

Alguns dos métodos utilizados por Sauer, segundo Corrêa (2001), foram descrição, comparação, indução, e generalização sintética; o tradicionalismo e moralismo; a contemplação, apreciação e estética; e a sucessão de fatos.

2.1.2 A Nova Geografia Cultural

O homem mantém diversas relações com o meio natural que transcendem o material, uma vez que um grupo social e cada indivíduo guardam um significado importante de caráter psicológico, correspondendo ao bem-estar, memória, utilidade, conhecimento e sentimento. Ele se utiliza de tal significado para suprir suas necessidades materiais e energéticas e para construir sua identidade a partir do lugar onde vive e de seu convívio social (ROSENDAHL et al, 2001).

A transformação que começa a afetar os estudos culturais conduzidos pelos geógrafos a partir do início da década de 1970 (...) nasceu da constatação de que as realidades que refletem a organização social do mundo, a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são puramente materiais. São a expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informação e de ideias (CLAVALL, 2001, p. 39).

A renovação que a Geografia Cultural sofreu a partir do final de 1970 foi proveniente das diversas críticas que a Escola de Berkeley recebeu. Algumas delas vieram de Richard Hartshorne que contestava o fato de que para os geógrafos culturais a cultura era o único foco, desconsiderando assim os demais elementos de uma área e, ainda houve críticas dos geógrafos teórico-quantitativos que diziam que o passado era mais importante para a geografia cultural, não comportando uma visão de desenvolvimento (CORRÊA, 2001).

A Nova Geografia Cultural não abstrai o sujeito da paisagem, visando compreender a paisagem pelas seguintes perspectivas: primeiro, ela é apreendida por uma consciência valorizada a partir de uma experiência, que é julgada por uma estética e uma moral que, por sua vez, são geradas por uma política. Na segunda perspectiva a paisagem é a matriz determinante do olhar, da consciência, da experiência, da estética, da moral e da política. Ou seja, a paisagem não é compreendida enquanto objeto apenas, mas em conjunto com o sujeito (BERQUE, 2004).

Era exatamente isso que faltava à antiga geografia cultural, onde a descrição do mundo não acompanhava uma explicação e a paisagem era trabalhada sob um olhar exclusivamente estético (CLAVALL, 2001). As críticas direcionaram, então, uma nova abordagem dentro da geografia, na qual os homens são interrogados:

“[...] sobre a experiência que tem daquilo que os envolve, sobre o sentido que dão à sua vida e sobre a maneira pela qual modelam os ambientes e desenham as paisagens, para neles afirmar sua personalidade, suas convicções e suas esperanças” (CLAVAL, 2001, p. 42)

Então, sob influência da fenomenologia, essa nova abordagem na geografia, de caráter humanista, exaltou em seus estudos dimensões antes não trabalhadas, como a dos valores sociais e culturais, valorizando a história e o mundo vivido, no qual os indivíduos não apenas percebem e vivem o espaço de forma diferente, mas também o interpretam (LENCIONI, 2009). Segundo Luchiari (2001), o imaginário coletivo adquire com o passar do tempo uma nova concepção de natureza que é então transformada em cultura através de artefatos simbólicos e materiais. As paisagens valorizadas carregam em si a estrutura social de sua sociedade conformando lugares a territórios (LUCHIARI, 2001). Consequentemente, a paisagem tem um papel social, pois dispõe material que farão emergir lembranças e símbolos comuns que então consolidam em si a união de um grupo, permitindo que esse se comunique internamente (LYNCH, 1997).

Diante do exposto, o meio ambiente deve ser compreendido enquanto palco de sobrevivência, vivência e experiência. Ele não é diferenciado apenas por sua paisagem, mas também por aquilo que o marca, por seu povo, pelo significado que este carrega, e por sua atuação (ROSENDAHL; CORRÊA, 2001).

2.2 Fenomenologia e percepção ambiental

Ponty (1994) considera a fenomenologia o estudo das essências; a essência da percepção, da consciência, da própria existência. A compreensão de mundo e do homem para essa filosofia somente é possível através de sua facticidade, na qual o mundo precede a reflexão e através da qual se busca descrever de maneira direta nossas experiências, ou seja, puramente quanto àquilo que compõe sua gênese. O esforço na fenomenologia é “reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. [...] é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vividoss’” (PONTY, 1994, p. 2).

De acordo com Husserl (2006, p. 25) “ela se denomina uma ciência de ‘fenômenos’”. O autor não exclui, porém, que muitas outras ciências, inclusive mais antigas que a Fenomenologia já lidassem com fenômenos; a Psicologia lida com fenômenos psíquicos, as Ciências da Natureza com fenômenos físicos, e a História com fenômenos históricos. A

maneira como a Fenomenologia aborda os fenômenos de todas as esferas do conhecimento é o que a difere em relação às ciências que os detém e os estuda. O sentido do fenômeno é modificado para adentrá-la (HUSSERL, 2006). A fenomenologia adquire um papel de “doutrina eidética descritiva dos vividos transcendentais”, que como toda ciência descritiva, não se utiliza de idealização e tem um caráter legítimo. Aquilo que a caracteriza é tudo que seja capaz de ser apreendido de forma eidética (na essência) nos vividos, seja como um correlato real ou intencional (HUSSERL, 2006). Essa apreensão representa uma grande fonte de conhecimento absoluto, segundo Husserl (2006). Entende-se logo que para a fenomenologia, o mundo detém em si mais do que o alicerce que suporta matéria e sua existência vai além de um sistema que nos circunda; esse sistema é percebido por nós.

O mundo, na fenomenologia, é compreendido como o contexto onde se revela a consciência, não sendo apenas um mundo constituído unicamente por fatos, mas também por valores e bens. Nele cada indivíduo constrói seu próprio horizonte, que se baseia em um passado e direciona-se a um futuro (BUTTIMER, 1982).

Para essa filosofia, o espaço logo representa em si mais do que o alicerce que suporta matéria.

Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham [...], devemos pensá-lo como potencia universal de suas conexões. Portanto, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retomo o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra, e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte, passo de espaço espacializado ao espaço espacializante” (PONTY, 1994, p. 328)

Todo o conhecimento de mundo advém de uma visão própria do indivíduo, da sua experiência de mundo, mesmo o conhecimento científico que igualmente é construído no espaço vivido, sendo, de acordo com Ponty (1994), secundário a tais experiências. O real, portanto, deve ser descrito sem construção ou constituição, considerando que o mundo é uma existência antes de quaisquer análises que dele se possa fazer.

O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece (PONTY, 1994, p. 6).

O que é perceptível compõe um “campo”, está sempre entre outra coisa; uma superfície inteiramente homogênea nada oferece a nenhuma percepção, logo, identificar o perceber se faz somente a partir da estrutura da percepção efetiva (PONTY, 1994). Esse campo perceptivo é composto por coisas e “vazios entre as coisas”; mesmo o que está atrás de nossas costas detém presença visual, e cada objeto percebido é compreendido a partir de seu próprio contexto, sem necessariamente estar associado aos demais em sua significação (PONTY, 1994). Ao discorrer sobre o processo perceptivo, o autor coloca como exemplo um jornal, que às avessas passaria a ser ilegível; o mesmo vale para uma paisagem com elementos dispostos de maneira diferente que então seria irreconhecível, atestando o pressuposto de que a percepção exterior precede a percepção interior, não só no conhecimento, mas no reconhecimento de uma paisagem.

É que, para vir a completar a percepção, as recordações precisam ser tornadas possíveis pela fisionomia dos dados. Antes de qualquer contribuição da memória, aquilo que é visto deve presentemente organizar-se de modo a oferecer um quadro em que eu possa reconhecer minhas experiências anteriores (PONTY, 1994, p. 44).

Um objeto uma vez percebido é consequentemente constituído e é entendido como causa do conjunto de experiências dele adquiridas ou possíveis de adquirir (PONTY, 1994).

2.2.1 A paisagem percebida

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 2012, p. 18)

A percepção é entendida por Gibson (1966 apud DEL RIO et al, 1996) como um processo mental onde o indivíduo interage com o meio ambiente por meio de mecanismos propriamente perceptivos, representados pelos cinco sentidos com destaque para a visão, e por mecanismos cognitivos. Esses últimos mecanismos, por sua vez, recebem a contribuição da inteligência, considerando que a mente não recebe de forma passiva as sensações e que o sujeito é ativo no processo perceptivo a partir de julgamentos, valores e motivação, entre outros (FISKE & TAYLOR, 1991 apud DEL RIO et al, 1996).

A percepção varia de acordo com a posição relativa do observador, e seres perceptivos que percebem um mesmo objeto nunca terão uma percepção exatamente igual (HUSSERL, 1980). O autor ilustra essa afirmação ao associar as expressões “Um melro voou” e “Isto é

preto, esse animal preto voou, subiu”, considerando a observação de um jardim; o sentido das expressões é o mesmo, mas a percepção, não. Além de mudar, a percepção também é passível de desaparecer, mantendo, no entanto, significativa a expressão; ao ler os dois enunciados a respeito do jardim, o leitor é capaz de compreender a proposição sem estar no jardim, sem observá-lo de qualquer outra forma a não ser intuitivamente e, mesmo sem percepção, ele pode confiar na veracidade do que foi dito a partir de sua própria representação (HUSSERL, 1980).

Os indivíduos buscam criar e possuir suas paisagens particulares e o significado da paisagem vivida e valorizada está exatamente no criar e possuir, segundo Burgess & Gold (1982 apud BLEY, 1996). Nesse sentido, os autores explicam que a paisagem é criada quando dotada de significado pessoal e o pertencimento surge quando ela oferece recursos que atendem as necessidades. Através da experiência, os significados de espaço e lugar se fundem, uma vez que o lugar é dotado de valor à medida que o conhecemos mais, é sob essa perspectiva que para Relph (1979 apud ROSENDAHL et al, 2001) o espaço indiferenciado se torna lugar, cenário de relações.

Relph (2001) define o espaço existencial/vivido como:

A estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural. Ele é intersubjetivo e, portanto, permeia todos os membros daquele grupo, pois todos foram socializados de acordo com o conjunto de experiências, signos e símbolos (RELPH, 2001, p. 106).

Assim, o lugar relacionaria as experiências do espaço de maneira particular, uma vez que os lugares, ao gerar atração e manifestar intenções, são tidos como singulares porque o significado de espaço vivido vem através de nossa “experiência imediata” (Rosendahl et al, 2001). Há formas diretas, indiretas e passivas de experienciar, desde aquelas que envolvem o uso dos sentidos paladar, olfato e tato até por meio da simbolização; o ver e o pensar são compreendidos pelo autor como processos intimamente relacionados (TUAN, 1983).

Enquanto exemplo da forma direta e íntima de experienciar, Tuan (1983) coloca a casa de um indivíduo que esse conhece muito mais em comparação com o país onde vive, do qual ele pode conhecer algo. Da mesma forma, um habitante antigo de uma cidade a conhece de maneira distinta da de um motorista que conhece suas ruas ou da maneira de um geógrafo que a conhece conceitualmente (TUAN, 1983). Em suma, a experiência não ocorre de maneira similar entre os indivíduos e sua formação e caráter se dá em decorrência da forma como se

vivência, há quanto tempo se vivencia, das relações estabelecidas, da função que se atribui ao espaço, e de fatores culturais, entre outros que circundam a realidade de cada um com determinado meio.

Essa particularidade também é presente na maneira como cada um reage a um meio ambiente, na sua visão de mundo, onde alguns aspectos são selecionados, outros evitados, de acordo com o conhecimento, muitas vezes advindo de um exame superficial, sobre determinado objeto e espaço (LOWENTHAL, 1982). Isso demonstra que além de escolher nossa visão de mundo ou acerca de um objeto, podemos também estar condicionados a ver de determinada forma conforme nosso conhecimento individualizado.

“Cada imagem e ideia sobre o mundo é composta [...] de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória” e recebem contribuições dos lugares onde estivemos, daqueles em que vivemos e dos mundos presentes na imaginação, nas obras de arte e de ficção (LOWENTHAL, p. 141, 1982). O autor conclui então que das experiências distantes às muito próximas é formado o quadro individual da realidade.

2.2.2 Um olhar sobre a paisagem urbana

Lynch (1997) afirma ser a cidade uma construção do espaço, a qual somente é percebida no decorrer de um longo tempo, por se tratar se uma construção em grande escala. Espaço compartilhado, onde a percepção individual é fragmentária, influenciada por diversos fatores; a cidade é objeto percebido por milhões de pessoas de distintas características que convivem com suas modificações e seu crescimento em uma contínua sucessão de fases (LYNCH, 1997).

Paisagem urbana, a visão da rua, é o que a maioria de nós capta das cidades a maior parte do tempo. As ruas podem parecer óbvias porque são vulgares, mas de fato envolvem uma complexidade de estruturas materiais, objetos de arte e bancos, automóveis e peões, assim como os espaços das estradas e dos passeios (RELPH, 1990, p. 211).

A existência de uma imagem pública da cidade, seja ela qual for, é considerada por Lynch (1997), aquela formada pela sobreposição de muitas imagens individuais ou também por um conjunto vasto de imagens públicas criadas por um número considerável de seus cidadãos. Essas últimas imagens seriam úteis a um indivíduo quando uma ação de sucesso e cooperação em um ambiente é pretendida, considerando assim, os demais cidadãos. Já a imagem individual é única e de acordo com Lynch (1997) detém conteúdo que em raras

ocasiões é comunicado, sendo muito particular, mas podendo ainda se aproximar da imagem pública.

Tuan (2012) diferencia os olhares de um visitante e de um nativo sobre uma paisagem e ambos apresentam fragilidades e potencialidades, uma vez que, ao mesmo tempo em que o visitante pode olhar de forma muito estética e filtrada como um típico turista, tal superficialidade não o impede de notar detalhes já despercebidos pelos habitantes e esses, por estarem imersos naquele ambiente apresentam atitude completamente diferente devido àquilo que valoriza e suas experiências.

Quanto às vivências dos indivíduos, Lynch (1997) afirma que nada é vivenciado pontualmente, mas sim em relação ao seu entorno, a um conjunto de sequências de elementos conduzidos por ele e também à memória, convocando experiências passadas. Todo cidadão de uma cidade possui uma imagem da mesma que se apresenta preenchida por significados e lembranças. A ideia generalizada acerca do mundo exterior é tida pelo autor como “imagem ambiental” que se configura enquanto produto simultâneo da sensação imediata e de experiências passadas (LYNCH, 1997). A utilização da imagem ambiental visa à interpretação de informações e orientação de ações e possui grande importância prática e emocional, uma vez que o “reconhecer” nosso ambiente e mesmo padronizá-lo está intimamente relacionado ao passado (LYNCH, 1997).

2.3 Contextualização da imigração japonesa no Brasil

Ao chegar ao Porto de Santos, em 18 de junho de 1908, no navio Kasato-Maru:

[...] 800 imigrantes (781 imigrantes sob contrato, 10 imigrantes espontâneos e outros) agitavam-se num turbilhão de excitação embriagadora à idéia da proximidade das fazendas e de seus cafeeiros, as árvores dos frutos de ouro. Às vésperas de São João os rojões subiam, explodindo estrondosamente. E, ainda, balões navegavam no céu. Contemplando comovidos o espetáculo os imigrantes tiveram a ilusão de que o povo brasileiro lhes estava dando as boas-vindas. (YONJÛNENSHI apud HANDA, 1987, p. 4)

No dia 28 de abril de 1908, o navio Kasato-Maru partiu do Porto de Kobe, na Província de Hyogo em direção ao Brasil. A duração da viagem era de no mínimo 45 dias via Canal do Panamá ou ainda, 60 dias via África do Sul. As despedidas tristes eram atenuadas com a vida a bordo e eventos festivos durante tantos dias de viagem, mas conforme o desembarque se aproximava, a adquirida tranquilidade perdia-se em meio à tensão, às

expectativas de cada um com relação ao que seria dali para frente em um país totalmente diferente².

O chamado “Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Japão e o Brasil”, assinado pelos dois países em 1895, marca o início de sua relação. No entanto, antes dessa oficialização, em visita às Américas do Sul e Central, o parlamentar membro da Sociedade Colonizadora, Shô Nemoto, afirmou ser o Brasil um país “propício” a receber imigrantes japoneses, havendo, nos anos seguintes, tentativas de trazê-los ao Brasil. Para que isso se realizasse, foi necessária a divulgação de um relatório por Fukashi Sugimura, o então ministro do Japão no Brasil que, nele, manifesta esperança com relação às fazendas de café paulistas; esperança que despertou a atenção dos japoneses através dos jornais e motivou a vinda não só do navio Kasato-Maru, pelas mãos do presidente da Companhia Imperial de Emigração, Ryo Mizuno, mas também dos funcionários da primeira casa comercial japonesa em território brasileiro, a Casa Fujisaki (MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL et al, 2008).

A conjuntura japonesa com o fim da Guerra Russo-Japonesa era de crise econômica. O desemprego chegou a 80%³ e os japoneses passaram a exigir iniciativas emigratórias em massa em busca de trabalho que pudesse lhes conferir melhores condições de vida. Os países que recebiam os imigrantes japoneses, como o Canadá e os Estados Unidos, passaram a repelir cada vez mais sua imigração devido a formações de grupos anti-japoneses. Ao mesmo tempo, no Brasil, o contexto era de suspensão da imigração italiana pelo governo da Itália, por conta do conhecimento e reprovação das condições de semi-escavidão as quais os italianos eram submetidos nas fazendas de café, o que, por sua vez, ocasionou queda da força de trabalho (MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL et al, 2008)

Muitas famílias japonesas dispersaram-se pelas fazendas de café na condição de colonos (trabalhadores contratados), com o anseio de um retorno ao Japão após acumular riquezas (MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL et al, 2008). O trabalho, a comida, a moradia e tantos outros aspectos presentes no cotidiano das fazendas de café foram estranhados, em especial o manejo dos instrumentos e as próprias condições precárias de trabalho. Com o tempo, foram incorporando às suas vidas práticas e utensílios do Japão. Uma maneira de se sentir-se perto da terra natal, mas também mais confortados em

² Informação disponível em painel informativo no Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, em abril de 2016.

³ Informação adquirida em conversa com Sérgio Yagami, em julho de 2016.

suas novas vidas⁴. Habitações precárias, servindo essencialmente de abrigo, eram construídas pelos imigrantes japoneses em pequenos lotes adquiridos através de poupanças, quando possível nas fazendas. Esses lotes correspondiam a porções de mata virgem e eram destinados ao plantio de café⁴.

As festas tradicionais e outras manifestações culturais realizadas na colônia a princípio voltavam-se inteiramente à nacionalidade japonesa, mas com o tempo, receberam diversos toques brasileiros, tornando-se mistas. A introdução do Brasil em seus modos de vida, no entanto, não se restringiu apenas nas festividades, mas na forma dos utensílios de trabalho e do dia a dia e na alimentação. A maior preocupação dentro das colônias era a educação, efetivada através da construção de escolas que ensinassem o idioma japonês devido à falta de instituições oficiais próximas⁴. Dentre as recreações dos imigrantes, inseridas para humanizar a rotina na frente pioneira, estavam os jogos de beisebol, o sumo e a *undokai* (gincana em família), mas a preferida era o cinema japonês. Essas formas de recreação tornavam os dias menos pesados, uma vez que podiam preenchê-los com atividades coletivas que garantiam momentos de integração da colônia⁴.

Sob uma perspectiva geral, o clima quente, as duras experiências de trabalho fiscalizado nas fazendas, que tirava a liberdade das famílias não acostumadas a isso e, seu caráter muito semelhante ao escravagista e a própria realidade de uma cultura totalmente diferente, surpreendeu negativamente os imigrantes (HANDA, 1987). Além disso, havia a barreira da língua, a distinção de costumes, os conflitos entre imigrantes e fazendeiros e a própria frustração de não se obter com facilidade o dinheiro esperado. Tais surpresas desagradáveis na terra da “árvore do ouro” (pé de café) fizeram com que muitos imigrantes abandonassem o trabalho nas fazendas para se tornarem proprietários independentes (MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL et al, 2008). Essa terra que, segundo o governo japonês em uma reconhecida propaganda enganosa⁵, os imigrantes japoneses deixariam após dois anos de trabalho munidos de riquezas de volta ao Japão.

Com isso e através do tempo, a renda apresentou sensível crescimento e núcleos coloniais de japoneses foram formados, dedicando-se ao cultivo de diversas espécies, com destaque inicial ao arroz, alimento base de sua alimentação. Esses núcleos, no entanto, já existiam desde o primeiro período da imigração japonesa, mas só ganharam considerável

⁴ Informação disponível em painel informativo no Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, em abril de 2016.

⁵ Informação adquirida em conversa com Sérgio Yagami, em julho de 2016.

força com o declínio dos grandes latifúndios e com a queda da fertilidade nos cafezais paulistas (MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL et al, 2008).

Nem todos os imigrantes que buscaram alternativas ao trabalho nos cafezais se direcionaram ao trabalho agrícola independente. Muitos foram buscar empregos nas cidades, e através das poupanças geradas conseguiam abrir seus próprios negócios. O crescimento dos núcleos e o surgimento das metrópoles garantiram adesão a esses estabelecimentos comerciais (restaurantes, armazéns, alfaiates, lavanderias, livrarias, entre outros) destinados a japoneses. A língua japonesa também passou a circular através de jornais em todos os ajuntamentos e então as portas se encontraram abertas para novos caminhos profissionais (MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL et al, 2008).

Entre 1928 e 1934, a emigração passou a constituir parte da política nacional, no momento em que esse período correspondeu à fase áurea da imigração japonesa no Brasil que, então, recebeu cerca de 30 mil imigrantes. Em um contexto geral, a partir da chegada do navio Kasato-Maru, 250 mil imigrantes emigraram ao Brasil e depois da Segunda Guerra, mais 60 mil (MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL et al, 2008).

As contribuições dos imigrantes japoneses ao Brasil encontram-se em diversos setores, como nas artes plásticas, economia, cultura e religião, mas especialmente na agricultura através da introdução de novas culturas e sementes (alface, alho, batata, tomate), inovação nas técnicas de produção, como a técnica da agricultura de periferia, e criação de cooperativas agrícolas que tem como exemplo a Cooperativa Agrícola de Cotia, a maior da América Sul (MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL et al, 2008).

2.4 Histórico do bairro Liberdade

Originalmente, o bairro, antes de receber imigrantes japoneses, recebeu imigrantes italianos e portugueses e a instalação de cada colônia provocou muitas transformações na configuração do espaço (SÃO PAULO, 1987).

Toda a região assistida hoje pela subprefeitura Sé possuía chácaras dispersas e pastagens no passado, porém os bairros Liberdade e Cambuci apresentavam uma considerável predominância de chácaras que cobriam grandes áreas até o início do século XX, quando os loteamentos das mesmas iniciaram a formação desses bairros, criando seus traçados definitivos (ARAGAKI et al, 2004; SÃO PAULO, 1987). Elas se erguiam em meio ao Caminho do Mar (atual Rua da Glória), que estabelecia comunicação entre São Paulo e

Santos, e ao Caminho do Carro para Santo Amaro que conectava o centro da capital a Santo Amaro e à Zona Sul e que, atualmente, compreende a extensão das avenidas Liberdade e Vergueiro. Através desses caminhos produtos eram escoados de São Paulo para Santos, Santo Amaro e outras localidades, com destaque ao transporte de gado, principal atividade econômica da cidade na época (SÃO PAULO, 1987). O Caminho do Carro para Santo Amaro junto ao Caminho do Mar foram os mais importantes para o posterior povoamento da região, que se manteve semipovoada durante todo o século XVII (SÃO PAULO, 1987).

No século XVIII, a área era conhecida como Bairro da Pólvora devido à construção da Casa de Pólvora em 1754, e permaneceu com essa denominação até 1833, quando passou a ser chamado Distrito Sul, pertencente ao então Distrito da Sé (SÃO PAULO, 1987). Em 1779, foi instalado o primeiro cemitério público da cidade de São Paulo no local que atualmente compreende as ruas da Glória e Galvão Bueno na altura da Rua dos Estudantes. O cemitério era destinado aos mortos por suplício, indigentes e pobres e funcionou até 1858. No entanto, existe um vestígio de sua existência, a Capela Nossa Senhora dos Aflitos na Rua dos Aflitos, pertencente ao antigo cemitério, representando com sua arquitetura eclesiástica o período colonial (SÃO PAULO, 1987).

Schmidt (1954 apud ARAGAKI et al, 2004) ressalta que a criação da Junta da Justiça na cidade de São Paulo no ano de 1820 carecia curiosamente de uma força, meio de execução dos condenados da época. Ela foi construída no ano seguinte, por determinação da Câmara Municipal, localizando-se próximo ao cemitério “dos aflitos” e permaneceu erguida no chamado Largo da Força (atual Praça da Liberdade) até 1891 quando o local passou a se chamar Largo da Liberdade (SÃO PAULO, 1987). Na conformidade espacial atual, sua localização compreende o Largo da Liberdade e o quarteirão da Avenida da Liberdade com as ruas Américo de Campos e Galvão Bueno (ARAGAKI et al, 2004). Por conta da presença da Casa de Pólvora e da força, nos documentos da Câmara Municipal dos séculos XVII e XVIII a região que atualmente é central era considerada periférica (SÃO PAULO, 1987).

Alguns anos depois, em 1834, um pelourinho foi instalado, sendo esse uma coluna de madeira onde delinquentes e escravos recapturados de tentativas de fuga sofriam castigos físicos e de onde partiam a Rua da Força - atual Avenida da Liberdade - e o antigo Caminho do Mar (SCHIMIDT, 1954 apud ARAGAKI et al, 2004). Do início do século XVII ao fim do século XIX - período que compreende o Brasil Colonial até o fim do Brasil Império - o bairro foi palco desses castigos e também dos enforcamentos (ARAGAKI et al, 2004).

O fator de grande importância na formação não só do bairro Liberdade, mas de muitos outros bairros da Zona Sul, foi o crescente processo de venda, revenda e concessão de terras iniciado no Bairro da Pólvora em 1813 devido ao progresso da economia cafeeira, gerando significativo aumento populacional (SÃO PAULO, 1987). No entanto, foi a partir de 1850 que a consequente expansão urbana do centro paulistano pressionou definitivamente os proprietários das chácaras a ceder espaço para a abertura de novas ruas, alamedas e largos. Essa ação foi motivada unicamente pela então latente necessidade de locomoção e acesso, sem ter havido um planejamento direcionado (SÃO PAULO, 1987).

Ao mesmo tempo em que chácaras eram substituídas por vias de circulação, muitas habitações passam a ocupar as encostas das colinas e os vales. Os caminhos abertos passaram a ser ruas oficialmente reconhecidas e nomeadas pela Câmara Municipal, assim como as casas que receberam numeração. Nesse contexto nasciam as ruas Conselheiro Furtado, Conde de Sarzedas, Fagundes, Avenida Brigadeiro Luís Antônio, entre outras. Até então, o bairro tinha caráter residencial, constituindo “ponte” entre o centro urbano e os bairros da Zona Sul, esses são: Paraíso, Vila Mariana, Jabaquara, Saúde, Santo Amaro e Vila Clementino; todos em processo de formação (ARAGAKI et al, 2004).

Em 20 de dezembro de 1905, o então Distrito Sul da Sé é desmembrado por meio da Lei municipal nº 975 que marca a instituição do bairro Liberdade (Nippo-Brasil, [199-]).

2.4.1 Origem do nome “Liberdade”

Aragaki (2004) afirma que o nome “Liberdade” primeiramente pertenceu a um chafariz no Largo São Francisco, registrado como tal desde o dia 4 de maio de 1831, pelo vereador Candido Gonçalves Gomide. Sua motivação era a criação de um marco histórico que lembrasse a abdicação de Dom Pedro I em 7 de abril do mesmo ano. Segundo a autora, do chafariz, o nome passou a referenciar à rua, depois ao largo e finalmente ao bairro.

Contudo, o nome “Liberdade” passou a constar em documentos escritos somente a partir de 1871, não havendo como afirmar sua origem ao certo. Pode estar associado às ações abolicionistas de moradores, como as do advogado Antônio Bento de Souza e Castro, editor das folhas “A Liberdade” e “A Redenção” e também pode configurar oposição ao termo do antigo Largo da Força que mudou de nome em 1891 após a abolição da escravidão no Brasil em 1888 (SÃO PAULO, 1987).

2.4.2 Caracterização geográfica da área de estudo

O bairro Liberdade está localizado na região central do município de São Paulo. Apresenta como distritos limítrofes: Sé ao Norte, Vila Mariana ao Sul, Cambuci a Leste e Bela Vista a Oeste. O bairro possui uma área total de 3,7 km² e junto aos bairros Cambuci, Bom Retiro, Santa Cecília, Consolação, Sé, Bela Vista e República, é assistido pela subprefeitura Sé (SÃO PAULO, 2016).

O número total de habitantes era de 61.875 em 2010, com densidade demográfica de 16.723 hab/km² (IBGE - Censo Demográfico 2010 apud SÃO PAULO, 2016).

2.5 Os imigrantes em São Paulo

No alto da rua íngreme, onde era possível observar a residência do Conde de Sarzedas, assemelhando-se a um castelo cor de ferrugem, muitos imigrantes japoneses se instalaram (HANDA, 1987). Todo o lado esquerdo da rua foi ocupado, tendo o outro lado cerca de três moradias ocupadas (Feira da Liberdade, [200-]). A existência de um porão e o aluguel barato dos quartos no subsolo, que então eram utilizados apenas como dispensas e alugados para grupos, representou fatores importantes na escolha desses locais para morar (HARTT, 2002).

Por estar localizada em um bairro central do município de São Paulo, a Rua Conde de Sarzedas (“a rua dos japoneses”) logo representou um refúgio para esses imigrantes dotados de esperança que, teriam fácil locomoção para o centro, bem como para os locais de trabalho. Ali, através de suas reuniões durante o preparo do *misso-shiru*⁶, das sardinhas assadas para as refeições, em meio a esses aromas tão familiares e característicos, esses imigrantes formaram uma pequena sociedade (HARTT, 2002). Eis a conotação “rua dos japoneses”.

A partir disso, a Rua Conde de Sarzedas viria a se tornar o centro das atividades dos imigrantes japoneses com o surgimento dos primeiros estabelecimentos comerciais. Segundo Handa (1987) o ponto de partida para tanto foi o início da produção do shoyo, que proporcionou aos imigrantes saciar a falta que sentiam da comida de sua terra natal. O shoyo fez com que surgisse uma fábrica de tofu (queijo de soja), que por sua vez, acarretou na fabricação do *udon*⁷. Até mesmo as hospedarias surgiram a partir da fabricação desses produtos. Além da casa para a fabricação de tofu e *udon*, houve a casa de *manju*⁸, um empório e ainda, surgiram os agenciadores de emprego. Em 1914, foi fundado na Rua Tomás de Lima o

⁶ Sopa de *misso*, uma espécie de massa a base de soja cozida com sal e um tipo de cereal fermentado (arroz ou cevada).

⁷ Macarrão japonês servido como sopa.

⁸ Doce tradicional japonês recheado com *anko* (doce de feijão).

Hotel Ueji, o primeiro hotel japonês em São Paulo. Nesse cenário, a expansão do bairro japonês tomava face (HANDA, 1987).

Pouco depois, em 1915, é fundada a Escola Primária Taisho (Taisho Shogakko), atrás do atual prédio da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social, na Rua São Joaquim, tendo grande importância na educação dos filhos dos imigrantes japoneses, que então somavam aproximadamente 300 pessoas (HANDA, 1987). No mesmo ano, no dia 14 de julho, o Consulado Geral do Império do Japão foi criado na Rua Augusta, localizada na região central de São Paulo (Cerqueira César). Em 1916, um clube destinado à prática de *yakyu*⁹ foi inaugurado na parte mais baixa da Rua Conde de Sarzedas, representando mais um elemento local para a integração e vivência dos japoneses (Feira da Liberdade, [200-]).

Desde a criação da escola japonesa Taisho, por volta de 1914, a mesma mudou-se várias vezes de local até se instalar em 1916 na Rua Conde de Sarzedas. Tinha como professor Shinzo Miyazaki e foi reconhecida como escola particular em 1919 pelo estado de São Paulo (HANDA, 1987). Segundo Negawa (2007) a escola oferecia as seguintes disciplinas: Japonês, Aritmética, Geografia, História, Ciências, Educação Moral e Cívica, aulas de canto e ginástica, além das atividades extracurriculares como *sumô* e o beisebol.

Os primeiros estabelecimentos comerciais japoneses abertos para o público em geral foram criados em 1918, sendo eles a Casa Mikado e a Casa Tokio, lojas de móveis de fabricação própria (HANDA, 1987).

A integração dos imigrantes japoneses junto à cidade de São Paulo já se apresentava plena nas décadas de 1920 e 1930. Eles tinham trabalho, moradia, comida, ensino em japonês para os seus filhos, o divertimento de fim de semana com os jogos de *yakyu* e suas atividades no município, também constantemente alimentadas pelo intenso fluxo de japoneses do campo para a cidade (Feira da Liberdade, [200-]).

Dos 2.000 imigrantes japoneses que residiam em São Paulo em 1932, 600 deles concentravam-se nas ruas que compreendiam a “região da Conde” no bairro Liberdade (Rua Conde de Sarzedas, Irmã Simpliciana, Tabatinguera, Conde do Pinhal, Conselheiro Furtado, Rua Bonita, Estudantes e Rua São Paulo). As maiores concentrações estavam na R. Conde de Sarzedas com 300 moradores, R. Conselheiro Furtado com 140 e Rua Bonita com 40. (ARAGAKI et al, 2002).

⁹ Palavra japonesa para o beisebol.

Em todas elas, diferentes atividades comerciais eram praticadas, como costura, lavanderia, tinturaria, casas de móveis, hospedarias, bares, restaurantes e a então recente venda de produtos agrícolas devido à expansão dos agricultores japoneses no interior do Estado de São Paulo; nesse período, 15 mil famílias japonesas dedicavam-se à horticultura (ARAGAKI et al, 2004).

Embora a presença dos japoneses fosse massiva nessa região, era a parte alta da rua Conde, na rua Conselheiro Furtado, que exibia reconhecíveis características nipônicas na fachada das docerias, hospedarias e restaurantes, através dos letreiros em japonês dispostos verticalmente como bandeiras. A atmosfera típica da paisagem de ruas japonesas também era vivenciada nas ruas Conde do Pinhal e Irmã Simpliciana (ARAGAKI et al, 2004).

Paralelo à adaptação dos imigrantes japoneses no bairro Liberdade, ocorre a partir da década de 30 o início de sua estruturação urbana por conta de “um processo e progresso atravessado pela cidade de São Paulo, principalmente após a proclamação da república” (GUIMARÃES, p. 43, 1979). A autora demonstra uma relação direta entre esse progresso e a expansão da cultura do café, uma vez que São Paulo torna-se centro das atividades comerciais do Estado, trazendo, por consequência, novos padrões sociais, comerciais, artísticos, educacionais, e também políticos. Outra transformação, responsável pelo início do processo de metropolização da cidade, foi o aumento dos fluxos migratórios; a cidade passou a receber grandes contingentes nacionais e estrangeiros. São Paulo também passou a representar a residência de famílias ricas e, paralelo à metropolização, a industrialização também ditava novos padrões na dinâmica da cidade, concentrando a mão de obra nos bairros periféricos, como Brás e Barra Funda (ARAGAKI et al, 2004). Com isso, a paisagem urbana nos bairros da capital, o que inclui o bairro Liberdade, passava por significativas mudanças estruturais, onde antigas edificações cederam lugar às novas (ARAGAKI et al, 2004).

2.5.1 Os impactos da Segunda Guerra Mundial na vida dos imigrantes japoneses

Os japoneses sempre se orgulharam do sentimento patriótico. Achavam que os nisseis deveriam amar e servir ao Brasil, conforme suas tradições. E um brasileiro inconsciente negou-lhes justamente um dos sentimentos de que os japoneses mais se orgulhavam (HANDA, 1987, p. 639).

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1939 ocasionando a divisão Aliados (Inglaterra, EUA e antiga União Soviética) e Eixo (Alemanha, Itália e Japão), grandes transtornos foram vividos pelos imigrantes japoneses no Brasil. O então governo nacionalista

de Getúlio Vargas, embora mantivesse relações comerciais com lados antagônicos (Estados Unidos e Alemanha), não manteve sua neutralidade para com os imigrantes. Em 15 de janeiro de 1942, já iniciada a Guerra do Pacífico, o intercâmbio comercial entre Brasil e Japão é suspenso no Congresso Pan-Americano de Chanceleres. No fim do mesmo mês, os representantes japoneses se retiraram do país, havendo em seguida o rompimento das relações diplomáticas entre os dois países (ARAGAKI et al, 2004).

Após o congelamento dos bens dos japoneses, na região da rua Conde de Sarzedas, os próximos passos do governo brasileiro já eram previstos pelos imigrantes japoneses que andavam em silêncio pelas ruas. Logo foi expedida a ordem de evacuação a ser cumprida em apenas 10 dias pelos *isseis*¹⁰, sem nenhuma assistência do governo; apenas nisseis poderiam permanecer onde estavam. Em 1943, casas de japoneses nos arredores da rua Conde de Sarzedas começam a ser revistadas à procura de armas clandestinas e indícios documentados de qualquer ligação dos moradores com o governo japonês. Em meio a essas revistas, objetos de valor e dinheiro eram “levados” pelos oficiais e reclamações quanto a isso acarretariam em prisão. As fiscalizações também afetaram lojas e cooperativas agrícolas (HANDA, 1987).

No mesmo ano, jornais, revistas e livros impressos em língua japonesa foram confiscados e proibidos de circular, além de estar também proibido o uso da língua japonesa e a realização de reuniões. Além das novas restrições, mais uma intimação para a desocupação da região da rua Conde de Sarzedas, atingindo 350 famílias tendo os mesmos 10 dias para o cumprimento. Foi nesse período onde outros bairros, considerados periféricos na época, obtiveram crescimento considerável da população nipo-brasileira, entre eles estão Tatuapé, Morumbi, Jabaquara, Freguesia do Ó, Saúde, Ipiranga e Pinheiros (ARAGAKI et al, 2004).

Após a rendição do Japão, que então também contava com um nacionalismo marcante, um novo desconforto surge entre a população imigrante: o conflito entre o grupo *kachigumi* - não-conformados com a derrota japonesa - e *makegumi* – conformados (ARAGAKI et al, 2004). Esse conflito levou à morte de mais de 20 pessoas e somente quando essa triste fase terminou, a tranquilidade voltou a estar presente entre os imigrantes japoneses que decidiram por fixar-se no Brasil, país compreendido como aquele onde seus filhos e netos poderiam alcançar a prosperidade. Ainda nessa época, os *nisseis*¹¹ já ocupavam diversos setores no

¹⁰ Plural de *issei* (1ª geração); o japonês que emigra para outro país.

¹¹ Plural de *nissei* (2ª geração); filho de imigrante japonês.

mercado. Foi o momento em que os japoneses que residiam no Brasil passaram a ser os nipo-brasileiros inseridos e integrados a ele¹².

2.6 Transformações na paisagem urbana do bairro

Com o término da Segunda Guerra, muitos japoneses retomaram suas vidas no bairro Liberdade. Em paralelo, a cidade de São Paulo, em meio ao processo de industrialização e urbanização oferece outras opções além do centro da cidade e houve significativa adesão. A Rua Conde de Sarzedas do pós-guerra já exibia muitas mudanças quanto às pessoas que circulavam, dessa vez, mais paulistanos, perdendo seu antigo ar japonês (ARAGAKI, 2004).

Por outro lado, a Rua Galvão Bueno recebe o Cine Niterói em 23 de julho de 1953. O prédio de cinco andares com salão, restaurante, hotel e sala de projeção de filmes no térreo, inaugurado por Yoshikazu Tanaka, exibia semanalmente filmes produzidos no Japão para mais de 1.500 espectadores japoneses por sessão. O Cine Niterói passou a ser o centro do crescimento do bairro, tendo acolhido alguns comerciantes expulsos da Rua Conde de Sarzedas, além de representar afetuosamente um fragmento do Japão para que os imigrantes pudessem se sentir mais próximos de sua terra natal (Cultura Japonesa, [200-]). O cinema também atraiu a comunidade que residia em outras localidades da cidade, especialmente aos fins de semana e, tamanho foi o prestígio à forma preferida de lazer dos japoneses que resultou na abertura de muitos pontos comerciais no bairro, tendo como foco produtos japoneses importados ou nacionais (ARAGAKI, 2004). Além do entretenimento, a presença da Escola Japonesa e da Associação de Pais e Mestres na Rua Galvão Bueno atraiu muitos japoneses, assim como ofertas de trabalho oferecidas por seus conterrâneos (SÃO PAULO, 1987).

A origem da construção do Templo Busshinji – Templo do Coração-Mente de Buda - no bairro também tem relação direta com o período pós-guerra e a opção dos imigrantes japoneses por fixar-se no Brasil definitivamente, representando mais um elemento de integração da colônia e proximidade com a terra natal. Foi solicitada por eles a vinda de missionários budistas de seu país de origem conforme a escola ou tradição a qual pertenciam. A Soto Zen é uma dessas escolas e foi instalada no Brasil no ano de 1955 durante a visita do Abade Superior Rosen Takashina que iniciou a missão a pedido dos imigrantes. Primeiramente, o templo instalou-se em uma casa alugada no bairro Liberdade para depois ser

¹² Informação disponível em painel informativo no Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, em abril de 2016.

transferido para a Rua São Joaquim. Por fim, o templo, a princípio instalado para a comunidade nipo-brasileira, atraiu interesse de ocidentais, tendo posteriormente se transformado em um centro divulgador do Zen (Soto Zen, [200-]).

O período entre as décadas de 1930 e 1950, preenchido com a crise do café, Revoluções de 1924, 1930 e 1932 e ainda, com a Segunda Guerra Mundial, com todos os percalços que poderia ter imposto, não impediu o contínuo progresso de urbanização da cidade de São Paulo. Em 1960, como evidência dessa continuidade, a cidade já apresentava praticamente a configuração atual. Em dados estatísticos de população, a cidade detinha 1 milhão de habitantes em 1930, 3 milhões em 1954, 8 milhões em 1978, e 10 milhões em 2003 (ARAGAKI et al, 2004). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população estimada em 2015 foi de 11.967.825 habitantes.

Dentro desse contexto de intensa urbanização em São Paulo, o bairro sofreu inúmeras transformações. Grandes setores do Largo Sete de Setembro e da Praça Almeida Júnior, importante ponto pela arborização, foram destruídos para a abertura da Radial Leste-Oeste, construída entre 1968 e 1971, seccionando e então tornando descontínuas duas grandes áreas do bairro. Muitos quarteirões tiveram de ser demolidos, abrangendo a antiga Praça São Paulo e seu teatro (SÃO PAULO, 1987). O antigo prédio do Cine Niterói foi um dos demolidos para a passagem da Radial Leste-Oeste, tendo que ser transferido para a Avenida da Liberdade com a Rua Barão de Iguape. Lá enfrentou um novo percalço com a posterior interdição da avenida por dois anos para a execução das obras do metrô, onde foram construídas as estações Liberdade e São Joaquim, inauguradas em 1975 (ARAGAKI et al, 2004). No âmbito populacional, em 1960, o número de habitantes no bairro era de 55.873 habitantes, na década seguinte sobe para 59.790 e em 1978, soma 200 mil pessoas (ARAGAKI et al, 2004).

Rodolfo Marques Lobato elaborou o plano paisagístico em 1969, este tinha como modelo cidades norte-americanas ao estilo *chinatown*, como Seattle, Boston e Nova York, no momento em que não só japoneses habitavam o bairro desde o início da década, quando coreanos passaram a se instalar. O plano também teve o intuito de amenizar as consequências das obras do metrô na linha Norte-Sul, remodelando as vias principais: Rua Galvão Bueno, Rua da Glória, Rua dos Estudantes e Avenida da Liberdade (PAVONE, 1998). Na comissão onde o plano de “orientalização” foi anunciado estavam presentes representantes locais da comunidade japonesa, chinesa, membros de ambos os consulados, além de representantes municipais (ARAGAKI et al, 2004).

Foi desse projeto, segundo Aragaki (2004) que adveio a construção do *torii* vermelho na Rua Galvão Bueno, junto ao viaduto Osaka em 1974. O *torii* de 9 m de altura representou o início da caracterização oriental no bairro. Esse elemento é típico nas entradas de santuários xintoístas e na Rua Galvão Bueno acabou simbolizando o “portão” do bairro Liberdade. Depois da construção do *torii* vermelho, houve a substituição dos postes comuns pelos postes com três lanternas (chamadas de *suzurantou*) e as calçadas ganharam os símbolos heráldicos *mitsudomoe* (ARAGAKI et al, 2004). No dia 4 de novembro de 1974, o bairro oriental (Toyogai) foi então inaugurado para 40 mil pessoas presentes no evento e foi a partir daí que ele também deixaria de ser residencial de forma permanente (MIZUTA et al, 2004).

Por outro lado, manifestações culturais eram expressas em festas tradicionais promovidas pela então Associação dos Lojistas da Liberdade, hoje Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (ACAL), junto à secretaria municipal de turismo. A ACAL teve como precursora a Associação de Confraternização dos Lojistas do Bairro da Liberdade, fundada em 1965, cujo presidente foi o Sr. Yoshikazu Tanaka. O intuito da criação da associação foi o de assegurar os interesses da colônia japonesa no bairro diante das autoridades municipais e estaduais, estabelecendo vínculo com as secretarias, bem como com a Polícia Militar e Civil (Cultura Japonesa, [200-]). As ações de cunho cultural promovidas pela associação alçaram parte da cultura japonesa para além dos limites do bairro por meio da divulgação e mesmo adesão de não descendentes que receberam e ainda recebem atualmente, certamente em maior proporção. Vale ressaltar a Feira de Arte, Artesanato e Cultura da Praça da Liberdade (conhecida como Feira Oriental), que ocorre aos domingos desde 1975 (ARAGAKI et al, 2004).

A década de 80 trouxe mudanças significantes ao bairro, a incidência de roubos passou a ameaçar a segurança. Os chamados “trombadinhas” promoveram ataques contra a população oriental nesse período e com isso, muitas lojas foram transferidas para outras localidades de São Paulo, já sob administração da segunda e terceira geração (ARAGAKI et al, 2004). Nesse contexto que Aragaki et al (2004) coloca, na mesma medida em que a comunidade nipo-brasileira se espalhou pela cidade, da mesma forma ocorreu com os negócios; muitos restaurantes foram para perto da clientela, na região do bairro Jardins uma vez que, na época, recebiam muitos japoneses devido à instalação recente de multinacionais, assim como havia uma clientela crescente de não descendentes. Em 1988, o Cine Niterói, importante local de integração da comunidade nipo-brasileira, fechou as portas (ARAGAKI et al, 2004). Na região da Rua Galvão Bueno também havia os cines Nippon, Jóia e Tokyo,

todos esses inexistentes hoje. Os últimos dois deram lugar a igrejas evangélicas e o primeiro é a atual sede da Associação Aichi Kenjin Kai (Cultura Japonesa, [200-]).

Mais uma mudança no bairro nessa década foi a moda com relação à culinária japonesa vinda da Europa e EUA. Muitos produtos chegavam ao Brasil do Paraguai e junto com eles, muitos de origem chinesa e taiwanesa, mudando o caráter do comércio no bairro Liberdade. Essa importação diferenciada também altera a configuração das lojas, fazendo com que as aquelas dos anos 60 dessem lugar a pequenas lojas dispostas lado a lado (“*stand shopping*”) a partir dos anos 90. Os produtos chineses, japoneses, coreanos e de outras origens passam a se misturar e muitas lojas de nomes japoneses apenas mantiveram o nome (ARAGAKI et al, 2004).

O bairro nos anos 90 tem a presença marcante de comerciantes chineses e da clientela não oriental vinda não só da cidade de São Paulo, mas de todo o país. Com a instalação de outras colônias, a comunidade nipo-brasileira então busca uma convivência colaborativa. Muitas festividades permanecem no bairro e a Rua Galvão Bueno, em meio a tantas alterações, se mantém “o coração do mundo japonês” (ARAGAKI et al, 2004).

2.6. 1 A entrada de outras colônias

Os chineses, que emigraram ao Brasil a partir de 1949, devido à implantação do socialismo na China, começam a se instalar no bairro a partir da década de 70, motivados pelas características orientais presentes (BONFIM, 2005). Já a imigração coreana iniciou em 1963, com essa população primeiramente instalando-se no bairro Baixada do Glicério, vizinho ao bairro Liberdade, devido à área facilitar construções na época e pela proximidade com o antigo Parque Xangai (SÃO PAULO, 1987).

Com isso, ocorre a perda de espaço dos japoneses, não sendo essa, no entanto, a única razão para tal (BONFIM, 2005). Conforme a colônia japonesa foi adquirindo maior poder aquisitivo, muitas famílias deslocaram-se para outros bairros, além de haver eventuais problemas de falta de um sucessor para gerenciar os empreendimentos familiares devido à emergência de outras opções de trabalho a eles, que receberam forte investimento em sua educação. Essa mudança fez com que a estimativa em 2005 apontasse como mais da metade dos empreendimentos no bairro sendo administrados por chineses (BONFIM, 2005).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

As técnicas de investigação empregadas nos estudos de percepção ambiental, considerando os aspectos subjetivos envolvidos, ainda possuem desafios quanto aos procedimentos metodológicos devido à complexidade de fatos e da variedade de representações do meio ambiente passíveis de investigar, não havendo, portanto, uma metodologia considerada a mais adequada (DEL RIO, 1996). Neste trabalho, optou-se por uma abordagem humanista sob a ótica da fenomenologia que valoriza a percepção e a experiência individual na descrição de um fenômeno. Na geografia cultural, ela esteve presente nos trabalhos de Yu-Fu Tuan e Eric Dardel, onde o espaço, destituído de valores e sentimentos, distingue-se do lugar, que ganha unicidade e significado, sendo, portanto, a paisagem compreendida não apenas como suporte à vida dos grupos humanos, mas como integrante dos indivíduos, significativa e influente na percepção dos mesmos (DEL RIO, 1996).

De acordo com Lencioni (p. 150, 2009), além de método, a fenomenologia é “uma forma de pensar, nos quais a ‘intencionalidade da consciência’ é considerada chave. Essa intencionalidade se refere à relação entre os atos da consciência, os objetos e a como esses objetos aparecem na consciência”. O indivíduo só entra em contato com o mundo dos objetos exteriores por meio da experiência vivida e supera seu inicial subjetivismo através da consciência no processo de construção de uma compreensão racional dessa experiência, alcançando assim, a essência dos objetos tal como eles são apreendidos (LENCIONI, 2009). Tratando-se de um estudo de percepção ambiental, considera-se aqui o percebido, concedendo lugar à subjetividade presente na percepção dos indivíduos, sendo essa incorporação da subjetividade uma etapa metodológica de grande contribuição à ciência geográfica, para que essa compreendesse o espaço também como espaço vivido; contribuição advinda especialmente por parte do fenomenológico Maurice Merleau-Ponty,

Como meios de desenvolvimento de trabalho, seguiram-se as seguintes etapas metodológicas: 1) levantamento bibliográfico pertinente ao tema; 2) Trabalhos de campo nas principais vias do bairro que, além do registro fotográfico e observações em caderneta de campo, incluiu visitas ao Museu Histórico a Imigração Japonesa no Brasil, o qual foi importante fonte de informações para esta pesquisa; 3) Elaboração e aplicação do questionário *online*, escolhido como instrumento de pesquisa mais adequado ao público alvo, após tentativas de entrevistas e; 4) Análise dos dados obtidos, utilizando princípios básicos da

Análise do Discurso, buscando identificar a maneira com que os sujeitos constroem os sentidos em seu discurso.

3.1 Trabalhos de campo

A realização dos trabalhos de campo no bairro Liberdade permitiu reconhecimento da área, registros fotográficos, observações e caracterização da paisagem atual das principais vias do bairro, assim como a apreensão da realidade e dinâmica locais através de uma vivência atenta que difere daquela de um simples passante. Os trabalhos de campo foram realizados no bairro da Liberdade nos dias 22 de abril, 18, 19 e 31 de julho e, 25 de agosto de 2016. A seguir as atividades realizadas:

Quadro 1. Descrição de atividades realizadas em campo

DATAS	ATIVIDADES
22/04/2016	- 1ª visita ao Museu Histórico da Imigração Japonesa para coleta de dados disponíveis ao público. Foi feito também contato com a secretaria a fim de obter autorização para posteriores entrevistas com 2 funcionários <i>nisseis</i> e acesso ao acervo bibliográfico do Museu, agendados posteriormente por <i>e-mail</i>. - Início do registro fotográfico das principais vias do bairro, elementos culturais e registro de observações em caderneta de campo.
17/07/2016	Participação como visitante no Tanabata Matsuri, o Festival das Estrelas, que celebra, conforme uma lenda japonesa, o encontro entre um príncipe e uma princesa que após ser transformados em estrelas foram separados nos extremos da Via Láctea, se encontrando uma vez por ano. No evento foram registradas observações em um dia de evento e fotografias do festival de origem japonesa. - Observação da dinâmica local em diferentes ruas e seus diversos elementos.
19/07/2016	- Conversa e aplicação das questões aos funcionários do Museu e coleta de dados do acervo bibliográfico disponibilizado pela Biblioteca. - Continuidade das observações de campo.

Quadro 1 (cont.) Descrição de atividades realizadas em campo

DATAS	ATIVIDADES
31/07/2016	- Registro fotográfico de estabelecimentos comerciais e gastronômicos que ilustrassem a cultura oriental no bairro.
25/08/2016	- Término do registro fotográfico, dessa vez, direcionado a elementos históricos da paisagem urbana do bairro.

3.2 Elaboração e aplicação do questionário *online*

Para o alcance do objetivo da presente pesquisa foi elaborado um conjunto de 7 questões destinadas a *isseis* e descendentes de japoneses que tivessem considerável familiaridade com o bairro Liberdade, constituindo dois grupos; um de faixa etária de 18 a 35 anos e o outro com faixa etária acima de 35 anos. A escolha por participantes acima dos 18 anos levou em consideração a colocação de Tuan (2012), que afirma que para uma paisagem ter significado é necessário que o indivíduo saiba distinguir o eu dos outros, sendo essa habilidade pouco desenvolvida nas crianças.

As questões foram disponibilizadas em um questionário aberto *online*, de caráter anônimo, devido à praticidade e mais ainda à facilidade de adesão, uma vez que tentativas de entrevistas falharam por não ter sido possível a construção de um vínculo para que as pessoas pudessem falar abertamente. Com respeito a esse aspecto cultural, optou-se então pelo questionário *online*, que foi encaminhado entre conhecidos e familiares através de diferentes fontes, entre os meses de agosto e setembro, compondo o total de 32 participantes.

Ao responder o questionário *online*, os participantes forneceram primeiramente os seguintes dados:

- Grau de descendência (*nissei*, *sansei*...) ou *issei*. A descendência é compreendida através da palavra da seguinte forma: *sei* significa geração em japonês e os prefixos “*i*”, “*ni*”, “*san*” e “*yon*” referem-se aos números 1, 2, 3 e 4 em japonês (*ichi*, *ni*, *san*, *yon*), compreendendo 1ª, 2ª, 3ª e 4ª geração. De forma facilitada, entendem-se as gerações, respectivamente, como: pais (imigrantes japoneses), filhos, netos e bisnetos da 1ª geração, cuja nacionalidade é japonesa, conferindo os graus de descendência.
- Seleção de faixa etária: entre 18-35 anos ou acima de 35 anos.
- Tempo de residência ou familiaridade com o bairro.

As 7 questões seguintes, disponibilizadas em português e japonês, foram direcionadas às experiências e opiniões individuais a fim de apreender a percepção da paisagem urbana do bairro, uma vez que toda paisagem é preenchida por lembranças, sentimentos e significado, estabelecendo vínculos com os indivíduos.

- 1) O que o bairro Liberdade representa para você? / *Anata ni totte wa, Riberudaade wa dou iyuu imi ga arimasuka?*
- 2) Quais são as suas relações com o bairro? (Trabalho, estudo, passeio) / *Riberudaade to dou iyuu kankei wo motteimasuka?*
- 3) Escolha dois locais que apresentem importância para você e justifique as escolhas. / *Riberudaade de futatsu no “daiji na basho” wo erande, shoshite, doushite sono futatsu no basho wo eranda ka itte kudasai.*

A Questão 3 objetivou a identificação dos elementos mais representativos da paisagem urbana do bairro Liberdade e a escolha de dois possibilita maior amplitude no sentido de haver mais de um olhar sobre a paisagem.

- 4) Na sua opinião, a cultura japonesa sempre se manteve bem representada no bairro? Se não, por que? / *Anata ni totte, Nihon no Bunka (mata wa, Nihon no Rekishi) wa Riberudaade de “miru” koto wa dekimasuka?*

Essa questão objetivou identificar possíveis locais ou costumes que os participantes sintam falta ou que foram significativamente modificados.

- 5) Você observou/vivenciou alguma mudança no bairro? Se sim, quais? Elas foram negativas ou positivas para você? Justifique. / *Anata wa Riberudaade de nanika kawatta koto nado ni kizukimashitaka? Moshi kizuitemashitara, doko de sono kawari wo mitandesuka? Soshite, sono kawari wa ii koto, mata wa, warui koto dotti deshouka?*

A Questão 5 objetivou identificar o ponto de vista de quem é diretamente atingido pelas transformações.

- 6) Imagine o bairro Liberdade daqui a 20 anos. Na sua opinião, como seria com relação à segurança, festividades e demais manifestações ligadas à cultura japonesa? / *Riberudaade wo nijyuunen go to shite kangaetara, anata ni totte, Nihon no bunka, Nihon no Matsuri nado, dono youni natteirundeshouka?*

Na questão 6 o objetivo foi identificar o grau de segurança dos participantes quanto à manutenção da identidade cultural do bairro da Liberdade.

- 7) A inserção da estação do metrô na década de 60 promoveu crescimento do comércio no bairro, mas também a entrada de outras colônias como a chinesa e a coreana. Para você, o caráter foi positivo ou negativo? Justifique. / *Jikan to tomoni, Riberudaade wa yuumei na tokoro ni nasrimashita. Demo, sono “yuumei” wa Nihon no hoka no tokoro (Tyuugoku, Kankoku, nado) mo Riberudaade ni kurasu youni narimashita. Kono jijitsu wa anata ni totte ii koto desuka? Warui koto desuka? Anata no kotae wo setsumei wo shite kudasai.*

A última questão buscou identificar a opinião individual sobre as conseqüências da construção da estação Liberdade do metrô sobre a identidade cultural do bairro, enquanto maior reduto da comunidade japonesa fora do Japão.

3.3 Análise dos dados

Considerando que as informações adquiridas através do formulário aberto *online* envolveram experiências e opiniões individuais acerca do bairro, as mesmas descritas por cada indivíduo com suas próprias palavras, os dados foram analisados considerando princípios básicos da Análise do Discurso.

Essa análise qualitativa considera que todo discurso é estabelecido através da relação com um discurso anterior que ainda apontará para outro, logo, o discurso é entendido como um processo. A Análise do Discurso, de acordo com Orlandi (2001, p. 59) propõe então a construção de um dispositivo de interpretação que objetiva “colocar o dito sobre o não dito, o que o sujeito diz em lugar do que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro”. Em suma, na Análise do Discurso pretende-se apreender também o que não se ouviu a partir dos sentidos das palavras do sujeito. Estudar o discurso, ainda segundo Orlandi (2001) é apreender o significado dimensionado das práticas do homem no tempo e no espaço.

Portanto, os dados foram tratados buscando relações de sentido expressas em respostas de participantes, selecionadas e dispostas nesta pesquisa de acordo com a pertinência à sua temática e objetivo, considerando o sujeito do discurso (perfil individual construído nas colocações feitas no questionário *online*), o grupo cultural ao qual pertence, sendo a cultura seu meio de identidade e comunicação, aspectos ideológicos manifestados, tempo de vivência com o bairro, a natureza dessas vivências, memória e os possíveis processos na construção dos sentidos sugeridos em seu discurso, com o objetivo de entender “como” o texto significa, não “o que”. Segundo Orlandi (2001, p. 43) o sentido é o gesto de interpretação que realiza a relação do sujeito com a língua e com a história e “todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Observação e caracterização da paisagem atual do bairro Liberdade

PRAÇA DA LIBERDADE

Em uma cidade, segundo Lynch (1997), os bairros são considerados as regiões médias ou grandes de extensão bidimensional e são reconhecíveis pelas características que os marcam, também reconhecidas externamente. Essa colocação é inteiramente coerente com o bairro da Liberdade, uma vez que é ele continua sendo referência da comunidade nipo-brasileira no Brasil, certamente já reconhecível e ilustrado mentalmente pela maioria dos paulistanos ao simplesmente ouvir seu nome.

A atual Praça da Liberdade (Figura 1) por quase um século carregou em suas denominações anteriores a realidade de um período histórico onde enforcamentos era a forma de punição aos condenados; já foi o Largo da Forca, em 1822 e Morro da Forca de 1870 até a abolição da escravidão (ARAGAKI et al, 2004).

Figura 1. Praça da Liberdade, lanternas *suzurantou* e comércio no lado esquerdo. No centro a feira de alimentos e a Capela dos Enforcados e no extremo direito o metrô Liberdade.



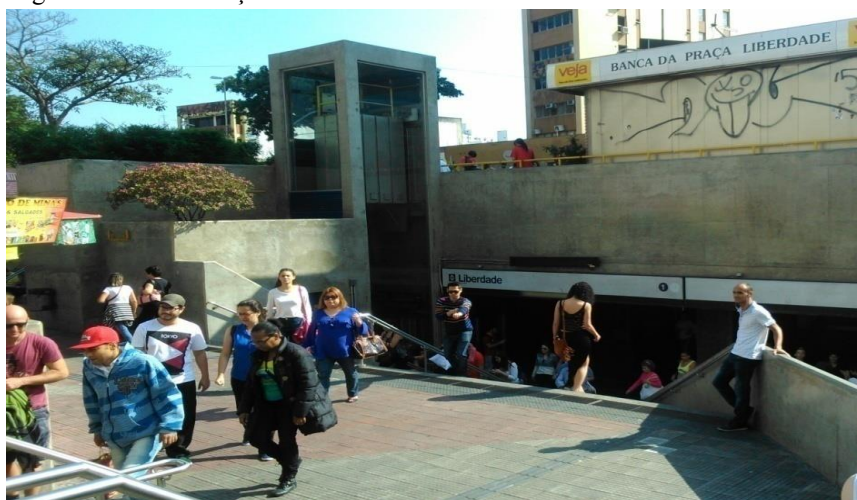
Fonte: Elaborada pela autora

O local onde essa obscura atmosfera se concentrou entre inúmeras execuções, considerando o longo período de atividade, se tornou palco das principais festividades da comunidade nipo-brasileira. Se algumas das manifestações culturais se concentram mais nas ruas próximas, a Praça sempre é uma extensão por ser o “primeiro passo” de quem chega ao bairro através do metrô, que se encontra em seu centro.

Hoje é difícil imaginar que antes da construção da Avenida 23 de Maio, no fim dos anos 60 e, posteriormente da estação do metrô, a Praça da Liberdade era um local, segundo Mizuta et al (2004), conhecido por sua tranquilidade, onde havia um lago com pequenos barcos e um morro.

Seguramente o bairro Liberdade é mais conhecido por representar culturas orientais, que extrapola a decoração, mas é também cenário da vida cotidiana na cidade de São Paulo, da movimentação usualmente apressada dos passageiros do metrô (Figura 2) que, entre embarques e desembarques na Praça da Liberdade, conferem aos arredores das estações Liberdade e São Joaquim a função de corredor.

Figura 2. Movimentação habitual no metrô Liberdade



Fonte: Elaborada pela autora

Nas visitas ao bairro em diferentes dias da semana, foi constatado que a movimentação no metrô Liberdade é sempre intensa. A Figura 2 mostra o início dessa movimentação depois de um desembarque e é possível observar que ela será maior conforme as pessoas deixam a estação. O movimento nos arredores, certamente por consequência, é igualmente marcante. As ruas sempre muito preenchidas de tal forma que às vezes tirar fotografias menos poluídas ou com reflexos desse movimento é uma tarefa de paciência, mas sem esforços devido a tantos atrativos que o comércio extremamente diversificado oferece. Sem mencionar a riqueza de diferentes culturas que muitas pessoas representam ao simplesmente passar.

No entanto, o bairro não está isento da desigualdade social tão nítida em toda São Paulo; muitos moradores de rua são vistos na Praça da Liberdade, principalmente. Os moradores de rua observados estavam na condição de pedintes na praça, não tendo sido observado indícios de permanência no local para dormir, por exemplo. É possível, levando em

conta a proximidade com o bairro Sé, que alguns estabelecidos lá (onde é muito clara a presença fixa de moradores de rua), se deslocam para a Praça da Liberdade com esse objetivo durante o dia.

Estão presentes nas vias principais do bairro as lanternas *chôkin*, chamadas de *suzurantou* (lanternas de jasmin) que, de acordo com Okano (2008), representam os signos urbanos de mais destaque junto ao portal *torii* e, de forma mais sutil, o pavimento com a heráldica japonesa *mitsudomoe*. As lanternas *chôkin*, de tradição japonesa, são estruturas em vime formando uma espiral, cobertas com papel artesanal. Podem ser utilizadas tanto em ambientes externos como internos por serem objetos portáteis, flexíveis e altamente compactáveis; os mesmos que iluminavam as noites quando não havia iluminação nas vias públicas (OKANO, 2008). A peculiaridade do *design* japonês que perduram na contemporaneidade o torna destacado mundialmente. Essas lanternas, em um contexto urbano, no entanto, são de plástico indicando uma modificação de um signo, mas que mantém sua forma preservada, mesmo que sua estética seja causa de estranhamentos por diferir textura, qualidade da iluminação e *design* peculiar com relação à versão artesanal original (OKANO, 2008).

Não somente na Praça da Liberdade, mas também nas ruas próximas, fachadas de estabelecimentos reforçam o caráter oriental do bairro, mas ali, uma rede de *fast food* estadunidense presente no mundo todo (Figura 3) e com fachada padronizada junto ao Banco Bradesco (Figura 4) apresentam-se diferenciados, reforçando a cultura oriental. Esse reforço, porém, já foi maior, no momento em que anos atrás, a fachada do MacDonald's continha escrita japonesa, em *katakana*¹³, ao lado de "MacDonald's", no lugar da atual tenda vermelha e, ao fundo do estabelecimento, existia um jardim oriental.

¹³ Um dos três sistemas de escrita japoneses junto ao *hiragana* e *kanji*.

Figura 3. Fachada do Banco Bradesco



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 4. Fachada do MacDonald's



Fonte: Elaborada pela autora

O comércio além de diversificado é diferenciado, no sentido de se encontrar produtos alimentícios e artigos específicos e/ou importados somente no bairro, o que atrai um número permanentemente expressivo de visitantes e frequentadores todos os dias. Na Praça da Liberdade essa configuração se estende e seu comércio marca significativamente muitos *nisseis*, nascidos nas décadas de 50 e 60, devido ao local ter sido ambiente de trabalho dos familiares e mais tarde do seu próprio e ponto de encontro da então comunidade japonesa, além de ter sido o berço da atividade comercial no bairro¹⁴. Hoje ainda é meio de integração: da comunidade nipo-brasileira junto aos apreciadores de sua cultura. O caráter de muitos estabelecimentos pode ter sido alterado com o passar do tempo, mas a permanência da atividade comercial (Figura 5) junto à sua lembrança faz com que a Praça seja um importante símbolo.

¹⁴ Informação adquirida em conversa com Sérgio Yagami, em julho de 2016.

Figura 5. Lado comercial da Praça da Liberdade



Fonte: Elaborada pela autora

Posicionadas de frente para as lojas, as tendas da feira de alimentos são dispostas e ofertam do tempurá ao acarajé. A diversidade não se restringe à alimentação; nas prateleiras de muitas lojas é possível perceber artigos de diferentes culturas juntos (Figura 6).

Figura 6. Vitrine de uma loja de acessórios e decoração na Praça da Liberdade.



Fonte: Elaborada pela autora

Na Figura 7, o *maneki neko* (“gato da sorte”), item de decoração comum na Ásia, com destaque para o Japão e *katanas* (tipos de espada, antigamente próprias para samurais) dividem as prateleiras com dragões chineses, elefantes indianos e corujas, símbolo de sabedoria em muitas culturas pelo mundo todo.

Figura 7. Legumes, verduras e castanhas dispostos na entrada da loja e embalados por peso.



Fonte: Elaborada pela autora

Um diferencial no Ocidente, que é prática antiga e comum no Japão, é a venda de legumes, verduras e outros alimentos, embalados por peso, em pequenas porções e dispostos em barracas sem atendentes (*mujin hanbai*). É prática mais presente no interior do país, mas mesmo em Tóquio existe esse sistema de venda que é compatível com a cultura japonesa que ensina honestidade, confiança e integridade desde a infância¹⁵. Em plena São Paulo, a presença dessa prática japonesa no bairro é mais uma notável amostra da essência que os descendentes buscam manter.

Muitos estabelecimentos pelo bairro tem nomes japoneses, chineses e coreanos, mesmo que, em alguns casos, os atuais proprietários não sejam da nacionalidade, tendo apenas mantido o nome original. A configuração interna dos restaurantes varia, sendo alguns com decoração e arranjos típicos japoneses e outros representando a culinária mais no cardápio, apresentando ambiente mais usual, como a Bentô House (Figura 8), que equivale às *Bentou ya's*¹⁶ no Japão que comercializam pratos prontos, feitos pelas pessoas do estabelecimento. A diferença é que na Bentô House do bairro também é possível fazer o próprio prato por quilo (serviço de *self-service*).

É comum em muitos restaurantes pelo bairro encontrar no mesmo cardápio pratos da culinária japonesa junto à coreana e chinesa, bem como uma “americanização” da culinária japonesa, com a incorporação de *cream-cheese* e ingredientes fritos. A integração dessas

¹⁵ Informação adquirida de Serena Kato, que residiu em Ina, na província de Nagano, Japão.

¹⁶ *obentou* pode ser entendido como “marmita”, alimentos dispostos em um recipiente com repartições. No Japão, *bentou ya's* são as lojas que vendem esses pratos.

culturas é evidente quando se busca alimentação nos restaurantes que tem expressiva apreciação dos visitantes e das pessoas que passam pela região rotineiramente.

Figura 8. Bentô House, restaurante oriental que vende iguarias japonesas, pratos feitos e por quilo.



Fonte: Elaborada pela autora

Com a chegada da colônia chinesa, é natural que existam muitos estabelecimentos chineses pelo bairro (Figura 9) que não se restringem a apenas um setor do comércio. Essa comunidade dedica-se especialmente aos restaurantes de culinária chinesa, mas também exercem forte atividade no setor varejista. No bairro, as ruas em que se observa muito a presença da comunidade chinesa no comércio e outros setores são a R. Conselheiro Furtado e R. da Glória, no trecho sentido São Joaquim.

Figura 9. Loja chinesa de decorações



Fonte: Elaborada pela autora

Aos fins de semana, o trânsito é intensificado no entorno da estação Liberdade do metrô e há forte presença de compradores na Praça da Liberdade e arredores, devido à realização da Feira Oriental todos os domingos (Figura 10), que acaba atraindo as pessoas para as ruas no entorno que mantém o comércio aberto (Figura 11).

Figura 10. Feira Oriental



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 11. Movimentação de visitantes que também transitam nas ruas do entorno.



Fonte: Elaborada pela autora

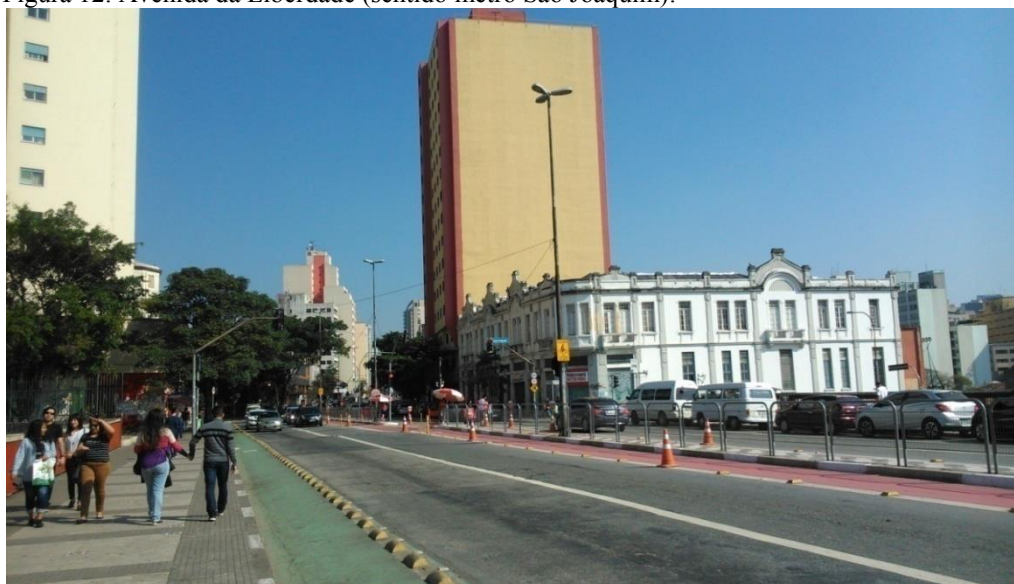
AVENIDA DA LIBERDADE

O antigo Caminho do Carro para Santo Amaro (atual Avenida da Liberdade junto a um trecho da Rua Vergueiro) teve ainda outras denominações: Caminho da Força, Rua do Padre Leão, Rua do Padre Idelfonso, Rua da Pólvora (1822) e Rua da Liberdade (1865). No início do século XX, era uma rua elevada e estreita de paralelepípedos, comum na cidade de

São Paulo na época, sendo ao longo de seu trecho preenchida por pontos arborizados (SÃO PAULO, 1987). Em março de 1952 passa a ser chamada Avenida da Liberdade pela Lei nº 4.211 (ARAGAKI et al, 2004).

A Avenida da Liberdade (Figura 12), paralela à Avenida 23 de Maio, é movimentada todos os dias da semana e, atualmente é uma das principais vias do bairro que dá acesso aos bairros Ipiranga, Cambuci, Mooca e à Zona Leste. Existe maior concentração de prédios residenciais, mas ainda assim, significativa oferta de serviços, presença empresarial e comercial. Além disso, há instituições de ensino, saúde e prédios administrativos distribuídos ao longo da avenida.

Figura 12. Avenida da Liberdade (sentido metrô São Joaquim).



Fonte: Elaborada pela autora

Não só a Avenida da Liberdade, mas todo o bairro convive especialmente no período noturno, com um número expressivo de estudantes de muitas universidades nele distribuídas como a FMU (Figura 13), Faculdade Álvares Penteado, Uninove, entre outras e, também estudantes de colégios, como Etapa e Anglo (ARAGAKI et al, 2004). Enquanto sua população flutuante durante o dia é composta especialmente de frequentadores e compradores, à noite ela expressa em grande parte a população das instituições de ensino presentes.

Figura 13. Faculdade FMU



Fonte: Elaborada pela autora

Permanece ativa na Avenida na Liberdade a Casa de Portugal, erguida em 1935 por imigrantes portugueses que também fazem parte da história do bairro. O intuito de sua construção na época foi a de servir como instituição que prestasse assistência e serviços à comunidade portuguesa, além de divulgar suas tradições e valores, marcando sua presença na cidade de São Paulo e assegurando vínculos culturais, históricos e comerciais entre Portugal e Brasil (Casa de Portugal SP [199-]).

Em termos de arquitetura, especialmente a Agência dos Correios (Figura 14) e a Casa de Portugal (Figura 15), por associar-se a outro período histórico, cria um contraste entre edificações muito antigas como essas e as mais recentes e modernas. Vale lembrar que tal característica marca toda a região central de São Paulo; independente de sua estruturação e fatores sócio-culturais que influenciam na configuração da paisagem urbana, a cidade detém muitos tombamentos e convive com a História em suas ruas.

Figura 14. Agência dos Correios



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 15. Casa de Portugal

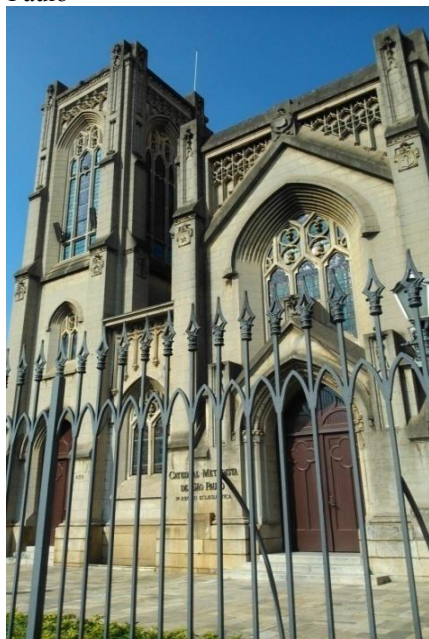


Fonte: Elaborada pela autora

Outro contraste interessante, agora tendo em vista o caráter oriental do bairro, é a presença de igrejas evangélicas (Figura 16) de diferentes vertentes, católicas, espíritas entre outras, demonstrando a prática de diferentes religiões que não se associam à cultura do Oriente como um todo. No entanto, o fato de no Brasil vivermos com tanta diversidade não torna essa mistura um surpresa, mas um ícone da possível convivência harmoniosa entre diferentes religiões e costumes, advindos da miscigenação tão própria do Brasil. Mesmo em um bairro oriental, a diversidade é nítida e benéfica por demonstrar abertura e integração.

A velha Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados (Figura 17) foi construída no fim do século XIX, próxima ao antigo cemitério público, no antigo Morro da Forca. Atualmente, todas as segundas-feiras, muitas pessoas vão até a igreja para acender velas por pedidos ou agradecimentos às almas (ARAGAKI et al, 2004).

Figura 16. Catedral Metodista de São Paulo



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 17. Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados



Fonte: kekanto.com.br¹⁷

Com relação à população oriental residente, Guimarães (1979) ressalta que o budismo é de grande importância dado às celebrações festivas realizadas no bairro e com vínculo direto a essa religião. Um exemplo é o festival japonês Hanamatsuri (Festival das Flores) que celebra em abril no bairro, desde 1966, a data de nascimento do Buda Xaquiamuni (Cultura Japonesa [200-]).

¹⁷ Disponível em <<https://kekanto.com.br/biz/igreja-santa-cruz-das-almas>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

Um dos pontos de maior movimento da avenida certamente é o Sogo Plaza Shopping (Figura 18) que possui acesso também pela Rua Galvão Bueno; provavelmente o acesso mais utilizado pelos visitantes. Os andares do prédio abertos ao público contêm lojas de eletrônicos, acessórios em geral, cosméticos e, lojas especializadas que comercializam artigos relacionados à cultura japonesa, como *katanas*, animes, mangás, kimonos, peças de vestuário e acessórios para *cosplay*, objetos de decoração, entre outros. Por concentrar uma grande variedade de mangás e animes que é só possível encontrar ali e também por se voltar à arte do *cosplay*, muitos fãs (conhecidos como *otaku*) frequentam o local. Inclusive, o ponto de encontro dessa tribo, ao visitar o bairro, é em frente às portas da estação Liberdade do metrô, onde se reúnem ocasionalmente. Mangás, os desenhos em quadrinhos japoneses, possuem leitores de diferentes idades, assim como os animês; ambos são meios de entretenimento extremamente comum no Japão.

Ainda, no último andar acessível ao público há um restaurante oriental que também serve pratos nacionais.

Figura 18. Sogo Plaza Shopping (acesso pela R. Galvão Bueno)



Fonte: Elaborada pela autora

Na Avenida da Liberdade também está localizado o Largo da Pólvora (Figura 19), local escolhido para receber a primeira Casa da Pólvora por ser considerado distante no século XVIII. Sua construção foi finalizada em 1784 conferindo à região o nome de “Bairro da

Pólvora”. Com a abertura da Rua Américo de Campos em 1832, foi determinado que ela fosse realocada, sendo a medida cumprida apenas em 1872. A abertura dessa rua também fez com que no centro do Largo da Pólvora um dos primeiros prédios de apartamentos fosse erguido na cidade de São Paulo e certamente, o primeiro do bairro; o Edifício Jaú (GUIMARÃES, 1979).

Figura 19. Largo da Pólvora entre a Avenida da Liberdade e a Rua Américo de Campos



Fonte: Elaborada pela autora

Em 1978, o então prefeito de São Paulo Olavo Egydio Setúbal reinaugurou a Praça do Largo da Pólvora. Nesse evento, como no mesmo ano se comemorava os 70 anos da imigração japonesa no Brasil, a cidade recebeu do governador da província de Kumamoto uma estátua homenageando um dos pioneiros da imigração, Shuhei Uetsuka (Figura 20).

Figura 20. Estátua em homenagem à Shuhei Uetsuna



Fonte: monumentos.art.br¹⁸

RUA GALVÃO BUENO

De início, o “gaijim” era visto com restrições pelos antigos comerciantes. Os restaurantes mais tradicionais só aceitavam japoneses e descendentes e mantinham horário e regras rígidas, bloqueando a entrada dos ocidentais. Aos poucos, essa geração de princípios mais férreos foi cedendo lugar à atual (PAVONE, p. 31, 1998).

Embora as primeiras lojas que por muitos anos foram destinadas somente ao público japonês não tenham se instalado a princípio nessa rua, hoje ela é o símbolo do comércio do bairro e oferta sem restrições uma imensa variedade de produtos importados e nacionais, grande parte ligada à cultura japonesa.

Nas décadas de 60 e 70 a rua era considerada como uma segunda Tóquio pela comunidade japonesa no bairro devido às semelhanças com a capital japonesa¹.

Como afirma Bomfim (2005) até o início dos anos 80 nas lojas e quitandas houve esse uso mais voltado à comunidade japonesa, sendo assim, mais notável a presença de *gaijins*¹⁹. Segundo o autor, a chegada dos mangás (quadrinhos japoneses), a partir desse período, atraiu olhares externos, que não mais se limitavam à culinária. Isso auxiliou na diversidade atual de compradores, frequentadores e seus propósitos.

Como uma das principais vias de acesso, a Rua Galvão Bueno é sempre movimentada devido ao comércio extremamente diversificado e atrativo, sendo, de longe, um ícone do

¹⁸ Disponível em: <<http://www.monumentos.art.br/monumentos/bairro/18>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

¹⁹ A tradução literal de *gainjin* é “pessoa de fora”, apresentando conotação diferenciada e menos formal do que da palavra *gaikokujin* da qual deriva, que significa “estrangeiro”.

bairro Liberdade. É nela onde um dos signos urbanos do bairro, o *torii* (Figura 21), marca sua entrada.

Figura 21. *Torii*, na Rua Galvão Bueno.



Fonte: discovernikkei.org ²⁰

É ponto indispensável para visitantes e compradores que encontram várias lojas de acessórios variados, decoração, vestuário, jóias, galerias, alguns restaurantes, docerias e pequenos mercados como o Empório Azuki e o Marukai (Figura 22), que dispõe muitas opções da culinária japonesa.

Muitos estabelecimentos refletem a cultura japonesa, seja na forma de objetos decorativos e do dia a dia, seja em produtos alimentícios importados. As docerias são muito movimentadas e oferecem desde os doces mais usuais para os ocidentais até os mais diferenciados vindos do Japão. Por outro lado, também é presente a cultura chinesa e coreana que por vezes se misturam à japonesa. Há muitos restaurantes chineses, inclusive; na Rua Galvão Bueno se encontra o tradicional restaurante Korea House, um tanto escondido devido à sua entrada estreita e discreta.

²⁰ Disponível em <<http://www.discovernikkei.org/pt/nikkeialbum/albums/201/?view=list>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

Figura 22. Mercado Marukai



Fonte: Elaborada pela autora

Presentes em outras ruas do bairro estão as galerias com pequenas lojas lado a lado, conhecidas como “stand shopping”, que ocuparam o lugar de antigos estabelecimentos no bairro a partir da década de 90 (ARAGAKI et al, 2004). Produtos variados são comercializados, nem sempre se voltando às culturas presentes no bairro. A galeria da Figura 23, por exemplo, assemelha-se em grande parte a galerias encontradas em outros bairros do centro paulistano.

Figura 23. Galeria de lojas (“stand shopping”)



Fonte: Elaborada pela autora

A vitrine na Figura 24 expõe artigos ligados ao budismo, religião que predomina na Ásia Oriental e também de decoração, comuns nessa região. São esses facilmente encontrados em muitas lojas do bairro.

Vale ressaltar que não é só o comércio varejista que movimenta o bairro, há também muitos hotéis, oficinas, sindicatos e empresas. Muitas editoras estão presentes, tais como Abril e Ática; na Rua Galvão Bueno existe a Traço Editora.

Figura 24. Vitrine com lanternas, artigos budistas e asiáticos.



Fonte: Elaborada pela autora

Na Rua Galvão Bueno também se localiza um dos hotéis mais tradicionais do bairro Liberdade, o Nikkey Palace Hotel (Figura 25), com cerca de 30 anos de fundação. Na década de 80, muitos nisseis foram como *dekasseguis*²¹ para o Japão e ao retornar após poucos anos, encontraram o bairro em uma situação na qual haveriam de unir esforços para manter a característica nipônica no bairro, uma vez que ocorriam tentativas e efetuações de compra de estabelecimentos originalmente japoneses por membros das colônias chinesas e coreanas. Esse hotel sofreu essa tentativa, porém, um integrante da comunidade nipo-brasileira o comprou, mantendo sua origem²².

²¹ Pessoas que deixam sua terra natal para trabalhar temporariamente em outro país.

²² Informação adquirida em conversa com Sérgio Yagami, em julho de 2016.

Figura 25. Nikkei Palace Hotel



Fonte: Elaborada pela autora

O TANABATA MATSURI

Anualmente, ocorre em julho o Tanabata Matsuri (Figura 26), conhecido também como Festival das Estrelas que colore a Rua Galvão Bueno (Figura 27), movimentando seus arredores e é só mais uma das manifestações culturais que integram a comunidade nipo-brasileira e atraem público numeroso.

É considerado uma das maiores manifestações do folclore japonês, festejada há mais de 1.300 anos, com origem na cidade de Sendai, capital da província de Miyagui. A lenda que rege o Tanabata Matsuri é a da princesa Orihime e do príncipe Kengyu que, ao se apaixonarem, deixaram de lado todas as suas obrigações, dedicando-se somente ao amor. Como punição os dois foram transformados em estrelas pelos deuses e separados em extremos opostos da Via Láctea, sendo permitido a eles apenas um encontro anual no sétimo dia do sétimo mês, cuja comemoração se faz no Tabanata (YIZIMA, 2009). As atrações do festival incluem apresentações de danças folclóricas ao som dos *taikos* (tambores), artes marciais, exposições de origami, *ikebana*, teatro e poesias japonesas (HARTT, 2002).

Figura 26. Decoração no Tanabata Matsuri.



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 27. R. Galvão Bueno às cores do festival.



Fonte: Elaborada pela autora

Além de assistir às apresentações, os visitantes contam com espaços gastronômicos e tendas, que aproveitam a movimentação intensa para comercializar os mais diversos produtos, dos kimonos e artefatos que remetem à cultura japonesa até àqueles produtos, alimentícios ou não, sempre encontrados em eventos de grande adesão popular. Importante ressaltar que a forma mais representativa de participação nesse evento é fazer pedidos através dos papéis coloridos (*tanzaku*), onde cada cor simboliza aquilo que se espera e, então, pendurá-los em galhos de bambu (Figura 28). As cores branco, rosa, vermelho, verde, azul e amarelo representam respectivamente, paz, amor, paixão, esperança, saúde e prosperidade. Na manhã seguinte ao término do evento, há uma cerimônia onde todos os *tanzaku* são reunidos e chegam ao céu através da queima. Finalmente, como forma de agradecimento à concessão de um encontro anual, o casal atende aos pedidos pendurados no bambu (YIZIMA, 2009).

Figura 28. Pedidos pendurados nos bambus



Fonte: Elaborada pela autora

JARDIM ORIENTAL

Localizado ao lado do viaduto Osaka (Figura 29), o Jardim Oriental (Figura 30) foi construído no início da década de 1970. Em seu interior, apresenta espécies arbóreas tradicionais como a azaleia, o bambu japonês e a árvore símbolo do Japão: a Cerejeira.

Figura 29. Vista do viaduto Mie-Kem para o viaduto Osaka; o Jardim Oriental localiza-se atrás deste, no lado direito da imagem. Abaixo a Radial Leste-Oeste.



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 30. Fachada do Jardim Oriental



Fonte: Elaborada pela autora

Também possui espelhos d'água (Figura 31), onde há criação de carpas (HARTT, 2002).

Figura 31. Lago artificial com carpas em um dia comum durante a semana.



Fonte: Elaborada pela autora

Devido à contínua degradação ambiental sofrida, o jardim passou a ser acessível ao público somente em dias de eventos (HARTT, 2002). Há dias da semana, porém, que o Jardim se encontra aberto (Figura 32), mas sempre devido à realização de alguma atividade interna.

Figura 32. Passagem interna do Jardim



Fonte: Elaborada pela autora

Nos dias de evento, o Jardim fica extremamente cheio de pessoas por conta do espaço gastronômico no qual se transforma, onde os visitantes compram comidas típicas nas tendas localizadas dentro dele. A marca usual que eles deixam no jardim é o conjunto de moedas disposto no fundo do lago de carpas (Figura 33), certamente atiradas ao se fazer pedidos.

Figura 33. Lago com moedas no fundo, atiradas pelos visitantes durante o Tanabata Matsuri em julho de 2016.



Fonte: Elaborada pela autora

RUA DOS ESTUDANTES

Seu nome data por volta de 1843 e faz referência às antigas “repúblicas” de estudantes que existiram no local (ARAGAKI et al, 2004).

A Rua dos Estudantes (Figura 34) é onde predomina os restaurantes de caráter oriental, como a maioria no bairro atualmente, mas também há os de culinária japonesa como o Momo Lamen House e o Sushi Lika. Obviamente, há também estabelecimentos que possuem outras opções gastronômicas como pastéis, pães, sobremesas e outros tipos de refeição, como o Yoka e os pequenos bares.

Abrindo parênteses, a pequena Rua Thomaz Gonzaga merece destaque pelos restaurantes especializados na culinária japonesa, de forma mais nítida do que é encontrado nas demais, pelas fachadas com caracteres japoneses e ambientes característicos. Contudo, como na configuração geral do bairro, há outros tipos de estabelecimentos e de outras origens.

Figura 34. Rua dos Estudantes com a Rua da Glória



Fonte: Elaborada pela autora

Em uma travessa da rua, ainda existe o curto e estreito Beco dos Aflitos que remete e localiza-se nas imediações do antigo e primeiro cemitério público de São Paulo. No fim dele está a Capela dos Aflitos (Figura 35), onde existe a imagem de Nossa Senhora dos Aflitos, que nomeou o local (ARAGAKI et al, 2004).

Figura 35. Capela Nossa Senhora dos Aflitos do antigo Cemitério dos Aflitos.



Fonte: Elaborada pela autora

Nas calçadas das vias principais do bairro, estão símbolos heráldicos *mitsudomoe* (Figura 36) que junto à implantação do *torii* e das lanternas *suzurantou* fez parte do plano paisagístico do bairro de 1969, como já citado anteriormente. No Japão, esse símbolo representa o Deus do Trovão Kaminari. A lenda conta que ao se ouvir o barulho de trovões, na verdade seria Kaminari batendo em seus tambores acima das nuvens, tendo o símbolo o significado de força de um modo geral (O Símbolo *Misudomoe*, [200-]).

Figura 36. Símbolo *mitsudomoe* nas calçadas



Fonte: Elaborada pela autora

A presença da comunidade nipo-brasileira é muito nítida nas ruas próximas ao metrô Liberdade; nos rostos das pessoas que circulam, nos jovens e idosos, na decoração, nos nomes de muitos estabelecimentos, nos produtos comercializados, na língua japonesa que se ouve frequentemente e que pode até passar despercebida por aqueles já acostumados com o diferencial desse bairro tão rico de história e cultura.

Nas Figuras 37 e 38, um *torii* vermelho e outro verde no semáforo sinalizam pedestres no cruzamento entre a Rua dos Estudantes e Rua Galvão Bueno.

Figura 37. *Torii* no semáforo



Fonte: Elaborada pela autora

38. Sinalização de pedestres



Fonte: Elaborada pela autora

RUA DA GLÓRIA

A presença de mais prédios residenciais, estabelecimentos empresariais e prédios jurídicos do que as ruas citadas até então, faz com que o movimento motivado pelo comércio nessa rua seja menor (Figura 39). A Praça Almeida Júnior, entre a Rua da Glória e Rua Conselheiro Furtado, recebe poucas pessoas e geralmente em horário de almoço, mas aparentemente não é muito utilizada para formas de lazer.

Figura 39. Rua da Glória, à frente e Praça Almeida Júnior, no lado direito da imagem.



Fonte: Elaborada pela autora

Na Rua da Glória, encontram-se bares usuais e de petiscos orientais, alguns com karaokê de músicas nacionais e japonesas, um meio popular de entretenimento no bairro especialmente aos fins de semana à noite (Figura 40). No Japão, o karaokê é bastante popular, equivalente ao futebol no Brasil, os japoneses gostam e esse entretenimento faz parte desde confraternizações em empresas até eventos mais casuais²³.

Figura 40. Karaokê Liberdade



Fonte: Elaborada pela autora

²³ Informação adquirida de Serena Kato, que residiu em Ina, na província de Nagano, Japão.

Também existem restaurantes especializados em culinária japonesa como o Takô, Sendai e a Sukiyaki House, culinária chinesa como o Hong He ou ambas no Asia House.

O bairro possui grande número de estacionamentos (Figura 41). Conforme as ruas vão se estendendo, distanciando da estação Liberdade do metrô já é possível constatar a presença marcante deles, principalmente nas ruas mais próximas à estação São Joaquim do metrô.

Figura 41. Estacionamento na Rua da Glória



Fonte: Elaborada pela autora

A configuração das edificações no bairro é super ajustada, no sentido de haver estabelecimentos, além de com espaço reduzido, muito próximos uns aos outros. E ainda, o fato de existir muitas empresas de diversos setores, instituições de ensino, prédios jurídicos, entre outras atividade no bairro, com destaque ao comércio, leva a uma movimentação diária muito intensa sob ruas predominantemente estreitas. Tal consideração pode justificar, em parte, a presença massiva desses estacionamentos.

Na fachada de um hotel de decoração oriental (Figura 42), as bandeiras da China, do estado de São Paulo, Brasil, Coréia do Sul e Japão. Nada além de um elemento que reconhece claramente a presença dessas três comunidades em São Paulo.

Figura 42. Glória Plaza Hotel



Fonte: Elaborada pela autora

RUA SÃO JOAQUIM

Inaugurado em abril de 1964, na Rua São Joaquim, encontra-se o prédio da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (conhecido como Bunkyo), entre as ruas São Joaquim e Galvão Bueno (Figura 43). No mesmo prédio se encontra o Museu Histórico da Imigração Japonesa e o Centro Urasenke de Chadô. No prédio também são realizadas exposições de *ikebana*²⁴ e o Festival de Música e Dança Folclórica Japonesa, entre outros tipos de atrações. O Bunkyo ainda sedia o Museu de Arte Nipo-Brasileiro (HARTT, 2002).

A tradicional cerimônia do chá (*Chanoyu*) e o ritual do Chadô (o caminho do chá) presentes no Centro foram incorporados no Japão pelo Zen-Budismo, no século XII. Sua filosofia advinda do monge Sen Rikyu junto aos quatro princípios presentes na arte japonesa (harmonia, respeito, pureza e tranquilidade) podem ser conhecidos nesse centro. O ritual é presente no bairro desde 1954, ano de comemoração do quarto centenário da cidade de São Paulo (HARTT, 2002).

Reforçando sua importância, concedo destaque ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil por ser o local que permite conhecer profundamente a vida dos imigrantes japoneses no país, suas expectativas e frustrações com o trabalho nas fazendas de café, os

²⁴ Tipo de arranjo floral.

aprendizados com tudo de novo que conheceram neste país, a constante reconstrução que buscaram e conseguiram com esforço e paciência em suas novas histórias, sua adaptação para posteriores transtornos em tempos de guerra que indubitavelmente infligiu a eles grandes dificuldades e tristeza até sua perfeita regeneração, proporcionando sua permanência e fixação na cidade de São Paulo.

Figura 43. Prédio da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social



Fonte: Elaborada pela autora

O templo Busshinji - Templo do Coração-Mente de Buda - da Comunidade Budista Soto Zen também se encontra nessa rua (Figura 44) e segue a tradição milenar Zen-Budista, originária da Índia. De acordo com Hartt (2002) sua introdução no Japão foi realizada por Dogen, fundador da escola Soto Zen.

Figura 44. Entrada do templo Busshinji



Fonte: Elaborada pela autora

A construção é toda em madeira, seguindo a técnica do encaixe, onde não se utiliza um único prego (Figura 45). A estátua do Buda Sidarta (Shakya Muni), presente no altar, é confeccionada também em madeira e representa um local para meditação (HARTT, 2002).

Figura 45. Fachada do templo, construído em madeira com técnica de encaixe.



Fonte: Elaborada pela autora

Na Rua São Joaquim também está a Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, fundada em 1927 (GLESP, 2016).

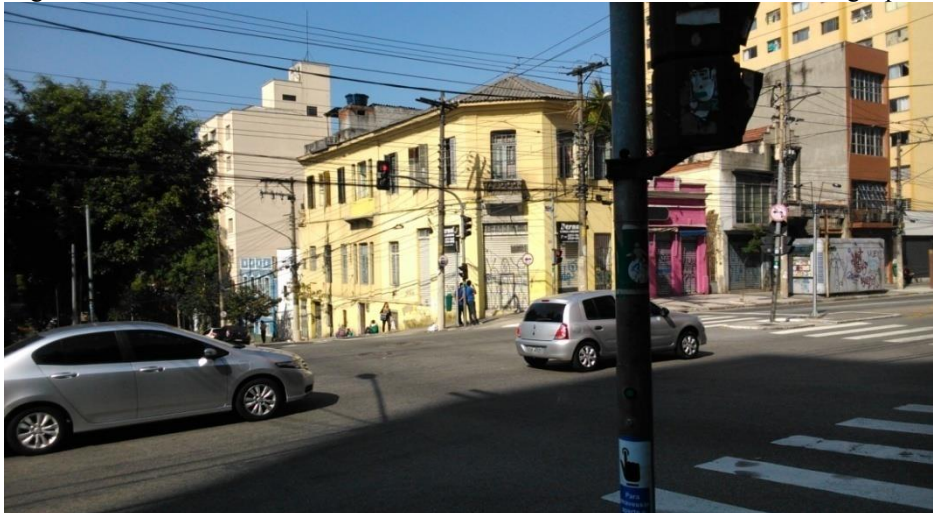
RUA CONSELHEIRO FURTADO

Ali se podiam encontrar doceiras, *ryôri-yas*, letreiros de material metálico pintado - parecendo bandeiras penduradas verticalmente - em que se lia *ryokan* (hospedaria), em caracteres japoneses, luminárias nas entradas dos restaurantes, indicando "culinária japonesa", também em japonês, tudo isso criando uma atmosfera levemente nipônica (HANDA, p. 589, 1987).

Ao discorrer sobre a Rua Conselheiro Furtado, Handa (1987) demonstra através de seu detalhamento a concentração expressiva de japoneses que ela já teve. Na época em que sua obra foi publicada ele ressalta que havia ainda mais anúncios luminosos do que no período em que os imigrantes japoneses “subiram a ladeira” da Rua Conde de Sarzedas (pouco antes de 1914, 1915), evidenciando uma crescente caracterização nipônica da paisagem da rua.

O que surpreende é que ela desapareceu quase sem deixar vestígios. Atualmente, a Rua Conselheiro Furtado é praticamente como uma rua qualquer na cidade de São Paulo (Figura 46), diferenciada se comparada às ruas mais próximas ao metrô Liberdade, hoje com maior renome pela atividade comercial e gastronômica.

Figura 46. Cruzamento entre a Rua Conselheiro Furtado com a Rua Barão de Iguape.



Fonte: Elaborada pela autora

Considerando a disposição das ruas, nota-se uma coerência no deslocamento dos imigrantes japoneses que foram de fato “subindo” a ladeira da Rua Conde de Sarzedas, uma vez que nela houve a maior concentração deles a princípio. Depois dessa rua que somava seus

arredores (“região da Conde”), a maior concentração foi na Rua Conselheiro Furtado, que ganhou uma atmosfera nipônica, como citado anteriormente e essa mesma rua é perpendicular à Rua Conde de Sarzedas. Mantendo esse deslocamento de “subida”, chega-se ao metrô Liberdade e suas ruas adjacentes, onde atualmente a característica nipônica é mais presente. Com isso, é possível compreender a perda de características outrora tão marcantes nas ruas mais afastadas, nas quais os primeiros imigrantes japoneses se instalaram.

Contudo, a Rua Conselheiro Furtado ainda mantém lojas de produtos orientais como a mercearia Gordowu e alguns restaurantes e lojas ligados às comunidades orientais presentes no bairro; é o caso do restaurante de cozinha chinesa Lucky e da presença do próprio Centro Social Chinês (Figura 47). Aliás, a comunidade mais lembrada nessa rua é a chinesa e ainda assim, não de forma muito expressiva.

Figura 47. Centro Social Chinês de São Paulo.



Fonte: Elaborada pela autora

O templo chinês Lohan Shaolin Kung Fu (Figura 48) foi inaugurado na Rua Conselheiro Furtado em 1995, por Luís Mello, tendo como objetivo ser centro de treinamento das Artes Marciais Chinesas. Logo o modesto templo comprometeu-se em transmitir o Verdadeiro *Kung Fu* no Brasil - prática da tradição *Chan'n Wu Yi* – meditação budista, *Kung Fu* e medicina tradicional chinesa (Templo Lohan [200-]).

Figura 48. Templo Lohan Shaolin Kung Fu.



Fonte: Elaborada pela autora

No setor da Praça Almeida Júnior mais próximo da saída para a Rua Conselheiro Furtado, de grande proximidade com a Praça da Sé, observou-se a presença de moradores de rua e usuários de droga. Ali também é um trecho onde a rua se torna mais deserta.

RUA CONDE DE SARZEDAS

Sendo uma das mais antigas do bairro, a rua teve seu traçado delimitado no terreno da tradicional Chácara de Dona Maria de Almeida Lorena Machado no fim do século XIX (ARAGAKI et al, 2004).

Doceiras, casas de *udon*, bares, leiterias, casas de *tôfu*, barbearias, tinturarias, quitandas, alfaiatarias: tudo isto estava lá. Era como se naquele trequinho ladeira abaixo, com menos de 500 metros, japoneses se comprimissem até não mais poder (HANDA, p. 588, 1987).

Na Rua Conde de Sarzedas (Figura 49) que recepcionou muitas famílias japonesas a partir de 1912, se vê praticamente só paulistanos, tendo a forte presença japonesa se diluído com o passar do tempo e os acontecimentos que surtiram tal efeito.

Figura 49. Rua Conde de Sarzedas



Fonte: Elaborada pela autora

A rua que assistiu o ir e vir de muitos imigrantes japoneses, seus esforços na construção de uma nova história neste país e sua adaptação apresenta-se atualmente como uma das ruas menos movimentadas do bairro. Ela, segundo Handa (1987) mesmo nos tempos em que abrigava os imigrantes, não detinha traços nipônicos na paisagem a não ser nos rostos que circulavam e habitavam nos quartos sem cortinas, que já demonstrava na grande maioria das vezes, o caráter temporário da moradia.

Os elementos que compõem a rua são habitações muito antigas, algumas aparentemente desocupadas, estacionamentos, lanchonetes e lojas de produtos em geral. Na parte baixa da rua, o caráter das lojas é majoritariamente evangélico. As lojas de doce japonesas que Handa (1987) cita ao falar da rua não existem mais ou dispersaram-se. Segundo o autor, na ladeira da rua (Figura 50) também havia a Clínica Dentária Nipo-Brasileira do Dr. Murakami e o Jornal Nippon na ladeira.

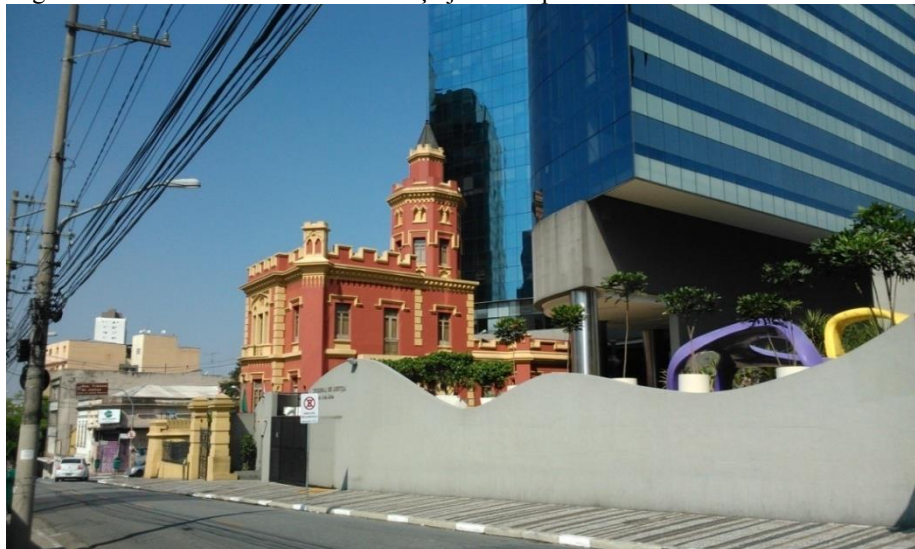
Figura 50. Ladeira da R. Conde de Sarzedas



Fonte: Elaborada pela autora

O local que confere à rua maior visibilidade e também modernidade é o prédio do Tribunal de Justiça (Edifício 9 de Julho) junto ao respectivo Museu (Figura 51).

Figura 51. Museu do Tribunal de Justiça junto ao prédio.



Fonte: Elaborada pela autora

Ainda no início da rua é possível observar as torres da catedral da Sé e também parte do Palácio da Justiça de São Paulo (Figura 52) que ficam a cerca de 1 km de distância.

Figura 52. Vista para a Catedral da Sé e para o Palácio da Justiça de São Paulo.



Fonte: Elaborada pela autora

Assim como durante a passagem dos primeiros imigrantes japoneses, a Rua Conde de Sarzedas assemelha-se a qualquer rua do centro de São Paulo; caminhar por ela é quase como caminhar pelas ruas do bairro do Brás, por exemplo; a sensação só não é completa por haver menor circulação de pessoas.

4.2 Percepção da paisagem do bairro Liberdade

4. 2.1 Dados gerais dos participantes

Dos 32 participantes entrevistados, 46,8% são *nisseis*, 43,7% *sanseis*, 6,3% *yonseis* e 3,2% *isseis* (o que corresponde a um participante).

Participantes entre 18 e 35 anos corresponderam a 62,5% e o outro grupo, acima de 35 anos, a 37,5%. Dois fatores podem justificar a faixa etária 18 a 35 anos ter sido mais expressiva. O primeiro devido à forma de aplicação do questionário, sendo o meio digital mais utilizado por pessoas nessa faixa etária e, um fator cultural, uma vez que pessoas de maior idade geralmente optam pela não exposição, independente de haver o caráter anônimo na participação. Esse aspecto da cultura, no entanto, não é presente somente nesse grupo, sendo apenas mais notável. Na verdade, a personalidade mais resguardada no sentido de “preservar-se” é uma característica comumente presente na comunidade nipo-brasileira, assim como é na própria população japonesa.

A média de tempo de familiaridade com o bairro é de 20 anos, considerando 28 dos 32 participantes, uma vez que quatro não informaram o tempo. Percebe-se que, de acordo com

essa média, a maioria dos participantes conhece o bairro desde o fim da década de 90, onde a configuração urbana já havia sido bastante alterada, sendo então um fator influente na percepção de cada um em relação a mudanças que tenham vivenciado.

No que diz respeito às relações dos participantes com o bairro, 26 dos 32 participantes o frequentam com o objetivo de lazer; nove deles associaram o lazer diretamente com compras de produtos importados ou muito específicos encontrados no comércio local e dois associaram o lazer à gastronomia presente nos restaurantes. Três participantes trabalham no bairro, dois estudam e apenas um é morador.

Uma resposta interessante obtida foi a seguinte:

“Lazer e trabalho, mas os dois são uma coisa só na verdade. Vou para o trabalho como se fosse passear”. (nissei, acima de 35 anos, 49 anos de familiaridade)

Percebe-se aqui a não distinção de trabalho e lazer, demonstrando significativo conforto associando um dever às formas livres de se vivenciar um ambiente, considerando o tempo dessa vivência que conformou o bairro quase como o seu lar.

4.2.2 A representação do bairro para os participantes

A finalidade dessa questão e o que ela trouxe de resultados, coube perfeitamente com a colocação de Lynch (1997) ao afirmar que o meio ambiente é peça fundamental nas culturas, enquanto cenário de trabalho, criação e interação com a paisagem de diversas formas, sendo assim comum haver, da parte dos indivíduos, a sensação de completa identificação com ela.

Não só essa identificação, mas um vínculo emocional, com a paisagem do bairro da Liberdade foi perceptível na maioria das respostas dos participantes, enquanto membros da comunidade nipo-brasileira. Cada um considerando o aspecto que considera mais significativo e recorrendo ao produto de todas as suas experiências ali, construindo então um significado particular, mas que é em grande parte, compartilhado. Para ilustrar as relações estabelecidas pelos participantes com as paisagens, algumas respostas serão expostas, sendo o critério de seleção a maior pertinência à temática da pesquisa e seu objetivo.

“Uma parte da minha vida” (sansei, 18-35 anos, 12 anos de familiaridade)

O sentido que essa resposta expressa não se relaciona a um passado, onde a vivência no bairro foi maior em determinado período da vida desse participante, o qual pudesse fornecer razões para que ele considerasse o bairro importante. A sua relação é unicamente de trabalho, mas isso não implica necessariamente que o local onde se estabelece esse tipo de relação deva ser considerado integrante da vida de uma pessoa, pois há locais que passam despercebidos sentimentalmente, mesmo nos relacionando com ele. É preciso afinal, que tenha alguma importância, que haja algum significado, como nessas palavras, onde a relação que se estabelece não foi mencionada, diferindo de uma fala puramente prática e presa ao cotidiano.

“O bairro da Liberdade é um local de lembranças históricas, onde gerações convivem juntas no caos do centro de São Paulo e na tranquilidade da cultura japonesa” (nissei, 18-35 anos, 10 anos de familiaridade)

O bairro é símbolo, comportando história e integração de gerações, compreendido como região atenuante da caótica São Paulo. A cultura além de instigar a mente daqueles que não a conhecem, conforta e aproxima. Do total de participantes, 59,3% citaram a cultura no quadro pessoal que ilustraram do bairro e de forma majoritária afirmaram ser o bairro um local para se conhecer, aprender e preservar a cultura oriental, com destaque à japonesa. Conhecimento, aprendizado e esforços que valem tanto para descendentes como não, conforme os participantes colocaram.

“Representa a tentativa em preservar hábitos, costumes e toda uma cultura milenar. O fato de estarmos inseridos num contexto de globalização ajuda a aproximar o Brasil do Japão, e isso é muito interessante para quem gosta e admira a cultura oriental” (sansei, 18-35 anos, 20 anos de familiaridade)

Desse grupo, seis adicionaram às suas respostas um sentimento de proximidade com o Japão através dessa cultura presente. Assim, percebe-se a possibilidade de um local, por assemelhar-se com outro de alguma maneira, poder se tornar uma lembrança concreta, que não apenas se resgata, mas que é palpável.

“Um pedaço do Japão no Brasil... para matar a saudade do tempo que morei no Japão” (sansei, 18-35 anos, aprox. 20 anos de familiaridade)

Quatro participantes ilustraram o bairro em sua perspectiva como um local para se encontrar produtos japoneses e outros, observando pelo lado comercial, exclusivamente. Quatro afirmaram representar um ponto de encontro entre amigos, dirigindo-se ao lazer e os quatro restantes inseriram em suas respostas um semblante diferenciado:

“Foi o bairro dos japoneses, a sua raiz está nele...” (nissei, acima de 35 anos, 56 anos de familiaridade)

“Antigamente representava mais o Japão do que hoje e futuramente, não representará mais” (nissei, acima de 35 anos, 49 anos de familiaridade)

Levando em conta o tempo de familiaridade com o bairro, ambos não conhecem sua história apenas por ter lido ou tido conhecimento. Parte muito significativa dela fez parte de suas próprias vidas e tudo o que sucedeu às memórias desse passado foi vivenciado e sentido. Eles presenciaram e sentiram os efeitos das transformações urbanas que ocorrem desde pouco antes do início da construção das estações do metrô Liberdade e São Joaquim, no fim da década de 60. Nesse período o bairro era outro e faz todo sentido que atualmente lhes pareça tão distinto e com tendência a se tornar mais distinto ainda daquele que conheceram há mais de 45 anos atrás, perdendo afinal sua essência, construída pelos imigrantes japoneses de 1912. Contudo, a história sempre será contada; tem sua marca permanente, como se percebe nas falas.

4.2.3 As paisagens urbanas mais importantes

Para possibilitar uma leitura do total das paisagens de importância elegidas pelos participantes por citação, foi elaborado o Quadro 2, que coloca a relação das 19 paisagens urbanas e o número de vezes que foram citadas. Devido a dois participantes não terem escolhido nenhum local em suas respostas e outro ter escolhido apenas um ao invés dos dois solicitados na questão, obteve-se o total de 61 citações.

Observa-se certa variabilidade de paisagens, com preferência pela Praça da Liberdade, citada por 14 participantes, seguida pela Rua Galvão Bueno, citada por 11, e o Mercado Marukai, citado por oito participantes.

A fim de analisar individualmente as paisagens citadas, foram consideradas as justificativas fornecidas pelos participantes, considerando o tempo de familiaridade com o bairro e a faixa etária. Muitas delas, assim como na representação do bairro individual, apresentam um aspecto topofílico claro ao invés de puramente funcional, além de relação

direta com o tempo, que, logo remete à história que, por sua vez, está atrelada à vivência de cada um.

Tabela 1. Paisagens urbanas

PAISAGEM URBANA	NÚMERO ABSOLUTO
Praça da Liberdade	14
Rua Galvão Bueno	11
Mercado Marukai	8
Sogo Plaza Shopping	7
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil	3
Templo Busshinji	2
Estação Liberdade	2
Restaurantes em geral	2
Ruas com as lanternas <i>suzurantou</i>	2
Restaurante Aska	1
Restaurante “Porque sim”	1
Restaurante Chi-Fu	1
Restaurante Banri	1
Padaria Itiriki	1
Igreja Holiness	1
Faculdade FMU	1
Ponte da Liberdade sobre a Avenida 23 de Maio	1
Local de trabalho do participante	1
Casa Bueno	1

4.2.3.1 Praça da Liberdade

Como dito anteriormente, a Praça da Liberdade foi citada pelo maior número de participantes (14), tendo, portanto, maior representatividade em relação às demais.

Entre os participantes que justificaram a escolha (12), seis conferiram importância a ela por conta da atividade comercial, quatro associaram-na com a realização da Feira Oriental, um por ser local de passagem diária e um por ser o local onde se realiza a maioria dos eventos. Cabe ressaltar que a forte conotação comercial ocorre com relação a outras paisagens do bairro, uma vez que ele é bastante reconhecido pelo comércio diversificado, o qual justifica por si a grande movimentação diária nas ruas; é a incontestável atração que o bairro exerce interna e externamente.

Contudo, algumas justificativas chamaram atenção por dirigirem-se a outros fatores, como a de dois *nisseis*, ambos acima de 35 anos. O primeiro, com 57 anos de familiaridade com o bairro, afirmou:

“A Praça da Liberdade é o mais importante porque foi onde todo o desenvolvimento comercial se iniciou e trabalhei numa farmácia lá, assim como meu irmão”.

Na resposta, o comércio, embora presente, não é fator isolado ao conferir importância à Praça, mas um fator associado a outro; ele fez parte desse desenvolvimento, o que implica em uma vivência diferenciada de quem apenas usufrui desse comércio. E, ao citar o irmão e sua própria contribuição, ele faz um resgate na memória para qualificar essa paisagem como importante, havendo seguramente um elo afetivo com a mesma por ter feito parte da vida de sua família, além desta ter sido a única a ser citada no lugar de duas, como solicitado na questão.

A resposta do outro *nissei*, com 49 anos de familiaridade foi a seguinte:

“Praça da Liberdade pelo comércio japonês e encontro com japoneses, onde me sinto mais a vontade”

A justificativa de escolha foi com base em relações pessoais e de bem estar: o local é tido como meio de integração social e conforto pessoal.

Um dos dois participantes que desviaram da atividade comercial em suas justificativas, apresentou a seguinte:

“Praça, aonde passo todos os dias” (sansei, 18-35 anos, 12 anos de familiaridade)

O simples ato de passar pelo local fez com que ele fosse considerado importante. Na resposta não houve relação expressa de funcionalidade nem de afeto; é apenas o cotidiano. Sua relação com o bairro é de trabalho, o que pode explicar a presença do hábito na resposta. A Praça da Liberdade é também via de circulação e de acordo com Lynch (1997), ao caminhar pelas vias, seja de modo habitual ou ocasional, os elementos que as compõem são muito passíveis de compor a imagem das pessoas sobre determinado ambiente, pela observação que a locomoção proporciona, destacando a relação e organização desses elementos.

O restante dos participantes (2) não justificou a escolha.

4.2.3.2 Rua Galvão Bueno

A segunda paisagem de importância escolhida pelos participantes (11) teve como justificativa unânime o comércio variado associado à oferta de produtos orientais, com destaque aos japoneses. Novamente, o aspecto comercial tem força, que confere à paisagem um ar mais funcional, que atende necessidades e logo tem importância.

Duas justificativas merecem destaque pela convergência:

“Lojas de objetos japoneses de um modo geral, tem coisas que só se encontra na liberdade” (nissei, 18-35 anos, 9 anos de familiaridade)

“Lojas de produtos orientais, pelos produtos que não são facilmente encontrados em outros lugares da cidade” (nissei, acima de 35 anos, 20 anos de familiaridade)

Tais respostas conferem uma singularidade a essa paisagem, no âmbito da oferta de produtos de origem japonesa.

4.2.3.3 Mercado Marukai

O terceiro local mais citado pelos participantes (8) recebeu justificativas de escolha muito similares à Rua Galvão Bueno, no sentido de ofertar produtos japoneses e haver certos tipos só possíveis de se adquirir nele, como guloseimas típicas e produtos da culinária japonesa, tendo cinco dos oito participantes apresentado tal justificativa, dois não justificado e um o representou como um dos meios de subsistência, uma vez que sua relação com o bairro é de moradia decorrente de estudo.

4.2.3.4 Sogo Plaza Shopping

Cinco dos sete participantes que elegeram o Sogo como paisagem importante aos mesmos, associaram-na com a oferta de artigos voltados à animês, artigos para *cosplay* e mangás. O restante (2) não justificou a escolha. Todos estão no grupo de faixa etária de 18 a 35 anos.

No bairro da Liberdade a oferta de animês e mangás iniciou, como dito anteriormente, na década de 80 e até os dias de hoje, representam grande motivação de visitas ao bairro, especialmente para os *otakus*. Esse local é extremamente reconhecido por comercializar tais artigos; todos os participantes que citaram qualquer uma dessas mídias citaram esse estabelecimento.

Cabe ressaltar que a adesão a esses produtos culturais japoneses não se restringe de forma alguma a descendentes, havendo grande adesão de não descendentes que além de serem fãs dessas mídias, se interessam pela cultura japonesa de maneira geral.

4.2.3.5 Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

O Museu foi citado por 3 participantes, que demonstraram preocupação e incentivo ao conhecimento, por parte dos descendentes, da história da imigração japonesa no Brasil.

“O Museu Histórico da Imigração Japonesa, lá tem diversos documentos escritos por imigrantes que contam a história do bairro e como ele se formou. Quando eu era pequena costumava ir até lá e ouvir as histórias que meu pai contava sobre o Japão”
(*nissei*, 18-35 anos, 10 anos de familiaridade)

Existe ainda a relação entre paisagem e memória, constituindo elo de significância e afetividade com o sujeito. Nesse caso, acrescido de pertencimento a um grupo, cuja história não apenas foi conhecida através dos painéis no Museu, mas enriquecida por uma voz familiar.

4.2.3.6 Restaurantes e demais elementos citados

Apesar de haver menor representatividade nas demais paisagens citadas, cabe comentar algumas justificativas, uma vez que foi nesses outros elementos da paisagem do bairro que se manifestaram sentimentos topofílicos de forma ainda mais clara pelos participantes.

Quanto ao Templo Busshinji tiveram a mesma justificativa de escolha os 2 participantes que o elegeram, os quais destacaram sua importância na disseminação do Budismo Zen no Brasil, como local central da linhagem Soto-Zen.

Dos seis participantes que citaram restaurantes, três associaram sua escolha ao valor sentimental que o local adquiriu por unir a família, tendo um deles afirmado que os jantares no estabelecimento são vistos como uma forma de integração familiar desde a sua infância. Um participante justificou a escolha por naquele estabelecimento haver o melhor lamen que ele já experimentou, o que demonstra o exercício de um sentido pouquíssimo utilizado na percepção de uma paisagem: o paladar. A paisagem do bairro para ele tem sabor, bem como para o restante dos participantes que citaram restaurantes em geral ao destacarem além do gosto pela culinária japonesa, um “sentir-se” próximo ao Japão ao degustar os pratos. Tuan (2012) é aquele quem coloca em perspectiva o pouco desenvolvimento de sentidos como paladar, audição, olfato e tato, sendo a visão, o sentido que, além de mais utilizado na percepção do mundo, fornece mais abstração do que os demais sentidos; então destaca a diferença entre o “ver” e o “sentir”, sentir o gosto, a textura, ouvir os sons; isso tudo faz com sensações sejam manifestadas.

A estação Liberdade do metrô, enquanto elemento fruto da urbanização intensa na cidade de São Paulo, teve importância conferida por dois dos 31 participantes que elegeram locais de importância pessoal. Um afirmou ser ela ponto de encontro e conversa entre amigos e o outro a considerou importante por “ter sido” esse ponto de encontro, estabelecendo uma relação com o passado; a estação do metrô faz emergir lembranças de outrora. Essa relação social que se estabelece na paisagem é proveniente de seu material, indutor de lembranças e símbolos, como nomes conhecidos e elementos familiares, que funcionam como um elo entre um grupo, permitindo que seus membros se comuniquem entre si (LYNCH, 1997).

Os demais elementos presentes no Quadro 2 não foram justificados.

4.2.4 A cultura japonesa no bairro

A maioria dos participantes, 84,3%, considerou a cultura japonesa sempre bem representada no bairro, tendo 41% desse percentual feito algumas considerações como forma de explicação para sua resposta, como a realização de festividades culturais, pelo “visual oriental” do bairro, reconhecendo, portanto, a representação de outras culturas e, ainda por ser a única referência da cultura japonesa no Brasil.

Outras explicações chamaram atenção por considerar essa representação um tanto dirigida ao comércio que é também forte durante as manifestações culturais na Praça da Liberdade e na Rua Galvão Bueno, com lojas do entorno abertas e ainda mais cheias em dias de evento.

“Sim, mas mais em termos comerciais/eventos com comida de rua do que culturais, infelizmente. O Bunkyo é incrível e pouco conhecido e seu potencial, pouco explorado” (sansei, 18-35 anos, aprox. 15 anos de familiaridade)

O prédio da Associação Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social (conhecido como Bunkyo), mencionado na Seção 4.1, há pouco mais de 50 anos oferece abertura ao conhecimento da cultura japonesa de maneira mais íntima e tradicional do que apenas por meio da culinária e artigos típicos tão mais atribuídos usualmente a essa cultura do que quaisquer outros de seus aspectos. O folclore, as danças, as cerimônias típicas e mesmo os grupos de *Taiko*, embora estejam presentes em algumas das manifestações culturais abertas ao público, não são de fato conhecidos e valorizados no mesmo nível que a oferta comercial é. Logo, essa resposta não se resume apenas a mostrar que existem lacunas, ela chama atenção para a riqueza dentro da cultura japonesa, onde se conhece muito menos do que é possível conhecer.

“Sim, sinto como se fosse um pedacinho do Japão. A única coisa que falha é a limpeza das ruas, que sei que no Japão elas não são tão sujas (mas sei que isso é por conta do público que visita o local)” (nissei, 18-35 anos, aproximadamente 12 anos de familiaridade)

Já essa resposta parece indicar que o bairro poderia ser um espelho melhor do Japão, apresentando as mesmas características das cidades japonesas. Nota-se a consideração de aspectos estéticos das ruas, enxergando a cultura de forma abrangente, no sentido da educação da população, o que, de fato, é muito valorizada e eficiente no Japão, onde as crianças aprendem desde a escola primária a cuidar de seu ambiente. Contudo, enquanto integrante da cidade de São Paulo, de rios e vias poluídos, o bairro é suscetível de apresentar o mesmo problema que, inegavelmente tem relação com a educação ambiental, pouco desenvolvida e menos ainda, exercida de forma efetiva no Brasil.

Outra resposta valorizou a integração de povos por meio da co-existência e apreciação de suas culturas:

“Sim, sempre manteve bem representada no bairro [...], com a chegada de Coreanos e Chineses no bairro, motivo de conhecermos pratos de ambos os povos que, aliás, são deliciosos. A culinária é um traço cultural e define os povos e os distingue dos demais. O fundamental é que se estabeleça o intercâmbio cultural entre povos diferentes” (*sansei*, acima de 35 anos, 45 anos de familiaridade)

A resposta considerou as outras culturais orientais presentes; outras cores, sabores, ritmos e aromas também circulam pelo bairro e são vistos como forma de interagir entre culturas, como uma possibilidade de união não somente espacial. Convivência e adaptação foram necessárias para que a cultura japonesa mantivesse um lugar no seu antigo espaço próprio, o qual o participante aconselha ser além de partilhado, compartilhado.

Entre os quatro participantes que não consideram mais a cultura bem representada no bairro, houve as seguintes posições:

“Antigamente sim, agora não mais. Já descaracterizou-se o bairro. Pela imigração chinesa e coreana” (*nissei*, acima de 35 anos, 30 anos de familiaridade)

“Não. O bairro da liberdade é um bairro no qual várias culturas orientais/ocidentais se misturam” (*sansei*, 18-35 anos, 10 anos de familiaridade)

As duas respostas associam a não representatividade cultural japonesa com a instalação das colônias chinesas e coreanas, mas ainda sim dissociam entre si. A primeira resposta adveio de quem vivenciou meados dos anos 80, onde as mudanças mais significativas estavam em processo, permitindo comparações. Diferente dessa resposta, a segunda considera a própria cultura ocidental como outro fator de impedimento a representatividade que consideraria ideal. Entende-se que mesmo se houvesse a vivência no bairro de antigamente, a resposta permaneceria quase a mesma, pois mesmo no início de suas vidas no bairro, os imigrantes japoneses estavam, antes de tudo, inseridos na cultura ocidental no sentido de conviver com brasileiros de alguma forma, mesmo que minimamente. Ser um bairro oriental, considerando o próprio termo, não deixaria de incluir a cultura japonesa, mas de todo modo, não comporta suficientemente o critério de representatividade adequada da cultura japonesa que então haveria de ser única para ser bem representada para esse participante. Uma visão peculiar.

Levando isso em conta, algo a ser ressaltado aqui é o cuidado com rótulos, no sentido de se pensar que pessoas mais velhas sempre são mais conservadoras e teriam a preferência de

não conviver com essas outras comunidades no mesmo espaço ou que ainda, *nisseis* seriam mais passíveis de ter esse posicionamento e até mesmo ter maior proximidade e interesse pela cultura japonesa. É por esse motivo que os dados gerais estão sendo colocados, para demonstrar a heterogeneidade dentro dos mesmos grupos etários e entre os indivíduos de mesmo grau de descendência, em relação à presença de diferentes culturas no bairro.

O único participante a afirmar que nem sempre a cultura foi bem representada teve como base para justificativa o próprio Japão em sobreposição e o comércio ambulante, notável em toda São Paulo.

“Não sempre. Tem muitos camelôs e ambulantes por lá, o que foge um pouco do cenário japonês que é a proposta do bairro liberdade. E claro que nem mesmo a comida dos restaurantes japoneses são um espelho exato da comida de lá, porque aqui temos várias alterações adaptadas ao paladar brasileiro” (issei, 18-35 anos, 15 anos de familiaridade)

Levando em conta o perfil individual do participante, é uma resposta decorrente do conhecimento sobre o Japão, seu país de origem, adquiridos da vivência de seus familiares. Mesmo sem ter vivido as mesmas experiências, apenas considerando o que lhe foi ilustrado, o participante pôde fazer comparações muito específicas entre as características próprias da cidade japonesa na qual a família residiu com as do bairro. Uma consequência natural na relação entre um indivíduo de natalidade japonesa com o bairro que é fortemente reconhecido por ser lócus da maior concentração de japoneses e descendentes fora do Japão.

4.2.5 Transformações urbanas

Com relação às transformações urbanas, 59,3% do total dos participantes entrevistados, apontaram, seja de forma breve a mais elucidativa, mudanças que notaram ou vivenciaram no bairro. Apenas dois deles, não por coincidência acima dos 35 anos, colocaram fatos relativos às mudanças iniciadas no fim da década de 60, estendendo-se de forma mais significativa até os anos 90. Foram essas mudanças que tiveram grande efeito na paisagem do bairro, implicando a ela uma nova conformação.

“Muitas. Lembro da gente, quando criança, passar nas laterais do buraco que abriram para construir o metrô, mas foi positivo. A entrada de outras colônias foi outra mudança, mas que é indiferente” (nissei, acima de 35 anos, 49 anos de familiaridade)

“Muitas, espalhadas por todo o bairro. O cine Niterói quando mudou pra Barão de Iguape com a avenida Liberdade saindo da Galvão Bueno, por exemplo. O auge do cinema foi nos anos 60 e 70. Tinha também o Nippon” (nissei, acima de 35 anos, 56 anos de familiaridade)

Colocações de quem passou a infância e juventude no bairro, períodos de suas vidas que falaram mais alto em meio a mudanças de períodos posteriores, também vivenciadas por eles, foram “muitas”, afinal. A escolha por tais mudanças sem dúvida implica em um valor maior concedido a elas, valorização por efeito gerado, por ter sido mais significativa em seu ponto de vista, o que não necessariamente indica que foi de todo positivo; é também significativo algo negativo, como deve ter sido o fechamento desses cinemas, posterior às transferências de local que sofreram. No caso do metrô, foi manifestado seu caráter positivo junto a uma memória de garoto, em meio à construção da estação.

As demais mudanças observadas, junto ao número de participantes que as citaram, constam na seguinte tabela:

Tabela 2. Mudanças observadas pelos participantes

MUDANÇA	NÚMERO ABSOLUTO
Aumento do fluxo de pessoas não descendentes	3
Aumento do número de integrantes das comunidades chinesas e coreanas	3
Maior visibilidade das outras culturas orientais	2
Aumento no número de lojas	2
Aumento de pedintes e moradores de rua	1
Maior oferta de produtos japoneses aliado a um negativo consumismo.	1
Adaptações no bairro junto ao desenvolvimento de São Paulo	1
Domínio do varejo pelos chineses (visto com naturalidade)	1
Deslocamento de famílias japonesas para bairros vizinhos associado ao crescimento da comunidade chinesa e coreana	1

Tabela 2 (cont.). Mudanças observadas pelos participantes

MUDANÇA	NÚMERO ABSOLUTO
Abandono do bairro por parte do Poder Público municipal associado à sujeira nas ruas.	1

Nenhum dos participantes apresentou qualquer tipo de posição contrária à grande quantidade de não descendentes que frequentam o bairro e entram em contato com as diferentes culturas orientais presentes, pelo contrário, a integração dessas culturas, não só entre si, mas com os brasileiros foi aconselhada e bem vista:

“[...] ao longo desses 20 anos que frequento a Liberdade, notei que houve um aumento considerável de ‘gaijins’, mas não acho que isso seja negativo. A cultura japonesa sempre foi muito admirada pelos brasileiros e acho muito positiva essa integração”
(sansei, 18-35 anos, 20 anos de familiaridade)

O restante, 13 participantes, afirmou não ter notado ou não se lembrar de alguma mudança no bairro. Esse resultado, que contempla quase a metade do total de participantes, pode ser explicado devido à maioria compor a faixa etária entre 18 e 35 anos, dificultando a identificação de algumas mudanças significativas ao se considerar a média de familiaridade com o bairro do grupo, de 10,6 anos. Ou ainda, deve ser considerada a possibilidade da influência do hábito sobre os indivíduos que interagem com uma paisagem, afinal, alguns participantes apontaram mudanças que também poderiam ter sido percebidas, independente do fator tempo (a não que sejam muito pontuais e os demais não tiveram oportunidade de perceber). Del Rio (1996) afirma que a redundância do cotidiano imobiliza as diferenças, sendo o hábito um intimidador no processo inferencial, impossibilitando a produção de significado e reconhecimento de diferenças entre ações e objetos, tornando a paisagem urbana indizível, logo, imperceptível.

4.2.6 Consequências da construção das estações do metrô

Com relação ao caráter positivo ou negativo da entrada de outras colônias e do aumento no fluxo de pessoas no bairro, como consequências da construção das estações Liberdade e São Joaquim do metrô, que também proporcionou crescimento comercial, 24 dos 32 participantes consideraram um caráter positivo.

Quatro participantes desse grupo consideraram em suas respostas o metrô de forma isolada, justificando seu aspecto positivo no benefício ao comércio local, maior acessibilidade ao bairro para turistas, assim como ser meio de transporte rápido para quem trabalha ou mora no bairro.

O restante dos participantes citou a entrada de outras colônias em suas respostas e quase todos eles enxergaram oportunidades, sob três diferentes olhares: 1) oportunidade das comunidades chinesa, coreana e japonesa conviverem em harmonia; 2) oportunidade de enriquecimento cultural do bairro por meio da diversificação e; 3) integração entre sociedade brasileira com as diferentes culturas orientais.

“A entrada de outras colônias como as citadas pode ser bem positiva, já que historicamente há uma rivalidade entre essas três colônias. Com essa ‘mistura’ elas aprendem a conviver, mesmo que internamente haja certa aversão entre elas, afinal, viver em sociedade é aprender a conviver com o outro. Também acho interessante o fato da inserção de novas culturas que trazem não só os costumes, mas também comidas que diversificam o comércio do bairro atraindo mais pessoas” (yonsei, 18-35 anos, aprox. 3 anos de familiaridade)

Essa resposta além de aprovar a união das culturas orientais como meio de diversificar o comércio no bairro, toca de forma otimista em uma questão muito delicada, advinda de situações de guerra envolvendo os três países no passado, que muitas vezes não permite uma convivência confortável entre as colônias.

“Positivo. Já temos a comemoração do Ano Novo Chinês, falta a coreana. Liberdade não é mais o bairro japonês, é bairro asiático” (nissei, acima de 35 anos, 20 anos de familiaridade)

Embora todos tenham se demonstrado a favor de nutrir o caráter oriental do bairro e enxergá-lo como benéfico, apenas a resposta acima citou diretamente uma manifestação cultural não japonesa e incentivou manifestações por parte da comunidade coreana. Não há, porém, uma desqualificação das demais respostas, só um destaque por ter sido interessante perceber, através dessa fala, a concretude dessa vivência entre culturas diferentes; denotando participação.

Dois participantes consideraram de caráter negativo as consequências que o metrô trouxe ao bairro. Um deles afirmou haver grande diferença entre as culturas chinesa, coreana

e japonesa, podendo por conta disso ser estabelecida uma convivência conflituosa. Levando em conta o perfil desse participante, onde sua perspectiva futura para o bairro foi negativa por considerar que a cultura japonesa “não é a única cultura” no bairro, entende-se que, para ele, o fato de outras culturas orientais estarem presentes representa uma ameaça à manutenção da cultura japonesa. O outro participante considerou nocivas as consequências do metrô no sentido da possibilidade de generalização das três culturas para “não conhecedores” de suas diferenças. Essa colocação parte certamente de mais de uma experiência com associações indevidas entre essas culturas, em sua visão.

Três participantes apontaram ter sido tanto positivo como negativo; positivo culturalmente e negativo socialmente, considerando os percalços enfrentados por muitas pessoas para a consolidação das obras do metrô e da séria interferência causada no lazer da comunidade japonesa, na época.

“Olhando pelo lado social, foi negativo. Com a construção da estação Liberdade, alguns pontos fundamentais do bairro tiveram de ser removidos do seu local de origem, muitas pessoas perderam seus lares e empregos. Porém, pelo lado cultural foi muito bom, pois outras atividades são típicas do bairro. Os próprios japoneses não são familiarizados com a cultura chinesa e coreana, então acredito que essa é uma vantagem do bairro oriental” (nissei, 18-35 anos, aproximadamente 10 anos de familiaridade)

A resposta faz referência a elementos de importância sócio-cultural para a então colônia japonesa do pós-guerra, importância reafirmada por esse participante que, de alguma forma, teve contato com a história do bairro (por familiares ou leituras). Em correlação com o que foi exposto, o Cine Niterói foi o elemento seguramente marcante nesse processo. Por duas vezes, foi transferido de local; para a construção da Radial Leste-Oeste e posteriormente para a construção das estações Liberdade e São Joaquim do metrô; hoje inexistente.

O restante dos participantes (3) afirmou ser indiferente.

4.2.7 Perspectivas futuras

Quando perguntados sobre como imaginam o bairro daqui a 20 anos com relação às festividades e à segurança, 13 dos 32 participantes pensam que as festividades continuarão da maneira como são atualmente, contudo, cinco deles afirmaram temer que a segurança piore

por conta de um eventual aumento no fluxo de pessoas ou simplesmente por considerar o contexto do Brasil, reafirmando a responsabilidade dessa questão aos gestores públicos.

Nove participantes afirmaram pensar que haverá uma perda cultural por considerar os seguintes fatores:

- Diminuição dos festivais de origem japonesa com o passar do tempo;
- Tendência de afastamento da comunidade nipo-brasileira do bairro.
- Aumento da violência no bairro;
- Inserção de praticantes de origem não japonesa.
- Falta de interesse de descendentes na manutenção da cultura japonesa.

Interessante ver que uma perspectiva diferente foi adotada por 7 participantes devido a uma interpretação também diferente dos demais. Foi exposta por esse grupo a configuração que eles desejam para o bairro em 20 anos, como uma segurança mais efetiva, comércio sempre ativo, mais festividades, maior adesão dos paulistanos a elas; em suma, um bairro melhor do que se apresenta hoje. A significância do bairro foi facilmente constatada quando esses desejos pessoais, que no fim beneficiam o coletivo, se manifestaram, no objetivo que esse local permaneça importante.

Três participantes pensam que as festividades continuarão, mas com modificações, sendo cada vez mais de caráter asiático, do que predominantemente japonês e não fizeram considerações sobre a segurança.

No geral, as perspectivas apresentaram resultado positivo, demonstrando confiança na manutenção da cultura japonesa, destacando o cuidado reconhecido que os japoneses tem em preservar suas tradições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto neste trabalho enfrentou algumas dificuldades devido a muitos participantes não terem percebido mudanças no bairro, sendo a percepção da paisagem considerada frente às transformações urbanas que o mesmo passou a sofrer a partir do fim da década de 60. Tal situação é decorrente de muitos fatores, como o meio de coleta de dados que, embora mais acessível ao público jovem, foi considerado o mais adequado em virtude de outro fator, de natureza cultural, que não permitiu um equilíbrio entre as faixas etárias.

De todo modo, o objetivo foi alcançado, uma vez que transformações urbanas foram apontadas pela maioria dos participantes, muitas inclusive, descobertas e oriundas daquelas de grande impacto no século passado como aumento de violência, crescimento do comércio, deslocamento de famílias japonesas para outros bairros e a necessidade de maior manutenção local por parte do Poder Público municipal. Essas transformações, por sua vez, estão relacionados com a maior acessibilidade ao bairro e a profunda alteração na dinâmica e caracterização geral que a inserção tanto das estações do metrô como da Radial Leste-Oeste provocou, interferindo nas relações da comunidade nipônica com o bairro ao impor deslocamentos e influenciar posteriores fechamentos de pontos essenciais de sua integração. Portanto, transformações ocorridas a partir dos anos 60, geraram esses subprodutos atualmente percebidos pela comunidade nipo-brasileira. O metrô, contudo, é um meio de transporte extremamente necessário em uma metrópole como São Paulo, considerando também a possibilidade que concede à sociedade brasileira de entrar em contato com a cultura oriental, o que é muito válido. Tais benefícios foram reconhecidos e muito bem vistos por todos os participantes, mas sua inserção inevitavelmente trouxe consequências, mais sentidas por aqueles que viveram esse período de transformação. A maior das consequências, porém, não é paupável, é o surgimento da necessidade de esforços para preservar parte da estrutura cultural que fica sujeita a diluir-se com interferências antes não existentes.

No decorrer do contato com os elementos que construíram a percepção da paisagem do bairro, sob a perspectiva de cada um dos participantes, notou-se que essa construção, embora heterogênea, no sentido de partir de diferentes experiências e relações, é homogênea. Isso é justificado no expressivo reconhecimento do aspecto cultural do bairro, no ímpeto em preservar a cultura japonesa e especialmente na disposição em usufruir desse espaço com as outras comunidades também presentes, por parte de integrantes pertencentes a diferentes faixas etárias. Em um primeiro momento, se pensou que diferentes gerações poderiam

apresentar distinções na maneira com a qual esboçariam o significado particular que carregam do bairro, os caminhos que almejam a essa paisagem e até mesmo na escolha das paisagens que dotariam de importância. Tal distinção seria supostamente motivada pelos diferentes vínculos, propósitos, experiências e especialmente, pelo tempo, este, sendo um importante fator por permitir um acompanhamento mais claro das transformações na paisagem.

Contudo, as gerações se uniram no papel de observadores da paisagem urbana do bairro, renovando concepções. Elas identificam-se plenamente com ele, seja voltando-se ao passado ou ao presente - às histórias ou a sua própria vivência - apontando construtivamente situações que o ameaçam e reconhecendo que o espaço, embora não mais só dos japoneses, ainda os pertence, devendo ser vivido conjuntamente com as outras culturais orientais. Ainda, as expectativas com o futuro não poderia ser um melhor indicador do seu valor; histórico, cultural, patrimonial, mental, simbólico, coletivo e individual. Cada paisagem, afinal, além de única enquanto materialidade é também singular em planos muito além deste.

A paisagem do bairro para a comunidade nipo-brasileira emana lembranças de outros tempos, é meio de convívio social, onde famílias encontram o elo de sua união nas refeições e amigos compartilham dos mesmos interesses, inserindo-se em outros campos da cultura japonesa. É aquela que permite proximidade com a terra de seus antepassados, familiares ou mesmo com a terra natal. É a paisagem dos sabores que conquistam o paladar e das cores que ensinam sobre povos orientais. É a paisagem do comércio único, que traz o Japão para perto na leitura, no uso, na degustação, mas que também oferece uma diversidade de opções multiculturais.

Essa paisagem comercial foi a predominante na percepção dos participantes, considerando que as mais citadas foram Praça da Liberdade, Rua Galvão Bueno e Mercado Marukai, mas há ainda outra paisagem que, embora menos lembrada, é aquela que proporcionou ao bairro ser hoje um marco da cultura japonesa e oriental no Brasil: a paisagem dos imigrantes. Em meio a tantos atrativos, cada uma de suas ruas conta uma história; no início do século passado os imigrantes japoneses começaram a construir suas vidas na cidade grande e foi com muito esforço que garantiram meios para nela se fixarem, para que seus filhos pudessem nela crescer, progredir e integrar-se à sociedade brasileira. A paisagem do bairro foi preenchida por diversos elementos ao longo de sua história, passando por sérias transformações de duplo caráter que geraram subprodutos até os dias atuais. Contudo, pouco mais de um século após a chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao bairro, a identidade

cultural que concederam ao bairro, com todas as modificações que o tempo e a metrópole impuseram, ainda é muito viva e valorizada não só pela comunidade nipo-brasileira, mas por muitos não descendentes, admiradores da cultura japonesa.

Por fim, a percepção aqui apreendida e de caráter muito construtivo para o bairro, representa um importante norteador de gestão e planejamento urbano, com o intuito de preservar a cultura japonesa em meio ao atual caráter interétnico do bairro, para que essa paisagem urbana tão cultural e de perto tão mais particular e significativa permaneça essa insubstituível integrante da vida da comunidade nipo-brasileira.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGAKI, B., MIZUTA, E., TANOUE, L. Bairro da Liberdade, a referência brasileira dos descendentes de japoneses. *In idem, Guia da cultura japonesa*. São Paulo: Editora JBC, 2004.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs). Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2ª ed., 2004.
- BLEY, L. Morretes: um estudo sobre paisagem valorizada. *In: DEL RIO, V., OLIVEIRA, L. de (Orgs). Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.
- BOMFIM, C. Liberdade heterogênea. *News Aliança - Aliança Cultural Brasil-Japão*, ano 7, n. 15, 2005.
- BUTTIMER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. *In: CHRISTOFOLETTI, A (Org). Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. Florianópolis: Geosul, v. 15, n. 30, p. 34-45, jan. 2000.
- CASA DE PORTUGAL. História [200-]. <http://www.casadeportugalsp.com.br/institucional/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.
- CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. *In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs) Matrizes das geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- Comunidade Budista Soto Zenshu da América do Sul, São Paulo – Brasil. História [200-]. Disponível em <<http://www.sotozen.org.br/templo.php>>. Acesso em: 03 ago. 2016.
- CULTURA JAPONESA. Hanamatsuri. Disponível em <http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=189>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- CULTURA JAPONESA. História do bairro da Liberdade: Rua Conde de Sarzedas. Disponível em http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=312. Acesso em: 24 maio 2016.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Editora da UFSCar, 1996.
- FEIRA DA LIBERDADE. A rua dos japoneses. Disponível em <<http://www.feiraliberdade.com.br/a-rua-dos-japoneses.html>>. Acesso em: 23 jun. 2016.
- GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Página inicial. Disponível em: <[LEShttp://www.glesp.org.br/](http://www.glesp.org.br/)>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- GUIMARÃES, L. de B. M. *Liberdade*, Série Histórica dos bairros de São Paulo- volume 16. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, 1979.
- GUIMARÃES, S. T. L. *Paisagens: aprendizados mediante as experiências*. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. Rio Claro: [s. n.], 2007.

GUIMARÃES, S. T. L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. Florianópolis: *Geosul*, v.17, n.33, p 117-141, 2002.

HANDA, T. *O imigrante japonês, história de sua vida no Brasil*. São Paulo: TAQ, 1987.

HARTT, V. Oriente – Reduto de japoneses, chineses e coreanos, a Liberdade se consolida como o maior bairro oriental do hemisfério sul. *GUEST*, ano 1, n. 3, jul/ago 2002.

HUSSERL, E. *Ideais para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral a fenomenologia pura*. Tradução Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

HUSSERL, E. *Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. Tradução Zeljko Loparic e Andrea Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

IBGE Cidades - São Paulo. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=355030>>. Acesso em: jul. 2016.

KAMINARITAIKO RJ. O símbolo Mitsudomoe. Disponível em <<http://kaminaritaikorj.blogspot.com.br/2012/09/simbolo-mitsudomoe.html>>. Acesso em 26 ago. 2016. Autor desconhecido.

LENCIONI, S. *Região e geografia*. São Paulo: EdUSP, 2009.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.

LUCHIARI, M. T. D. P. A (re) significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELO, V. L. M. de O. A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, Universidade de São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2005.

MELO, V. M. Paisagem e simbolismo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs) *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MIZUTA, E.; MINAMI, T. A liberdade dos imigrantes. *Made In Japan*, JBC Japan Brazil Communication, n. 76, p. 22-29, ano 7 (2004).

MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, ASSOCIAÇÃO PARA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, COMISSÃO DA COMPILAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA DOS CEM ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *História dos cem anos da imigração japonesa no Brasil através de fotografias*. São Paulo: Fukyo-sya, 2008.

NEGAWA, S. Rua Conde e arredores: o nascimento da Escola Primária Taishō - parte II. Disponível em <<http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2007/4/5/brazil-nihonjinmachi/>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

Nippo-Brasil. Crueldade marca início do bairro da Liberdade [190-]. Disponível em <<http://www.nippobrasil.com.br/especial/n027.php>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

OKANO, M. A leitura semiótica-visual da visualidade à visibilidade – orientalização e orientalidade. In: HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001

PAVONE, A. P. A energia oriental da Liberdade. *Mares do Sul*, ano 5, n. 21, março/abril, p. 27-34, 1998.

RELPH, E. C. *A paisagem urbana moderna*. Tradução Ana MacDonald de Carvalho. Lisboa, 1990.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *Inventário geral sobre o patrimônio ambiental, cultural e urbano de São Paulo: Liberdade*. Leila Regina Diêgoli (coord; et al). São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1987.

TEMPLO LOHAN. A jornada do Templo Lohan. Disponível em <<http://templolohan.com/historia/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

TUAN, YU-FU. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução Livia Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente* / Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

YIZIMA, L. J. O espetáculo das estrelas. *Nossa Liberdade*, 1ª ed, maio/junho/julho, 2009.